



**ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

MAIARA ZANATTA GALLON

**A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E INCLUSÃO SOCIAL NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO BRASILEIRO**

CAXIAS DO SUL

2019

MAIARA ZANATTA GALLON

**A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E INCLUSÃO SOCIAL NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO BRASILEIRO**

Monografia apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo na Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^a Ma. Marliva Vanti Gonçalves

CAXIAS DO SUL

2019

MAIARA ZANATTA GALLON

**A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E INCLUSÃO SOCIAL NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO BRASILEIRO**

Monografia apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo na Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profª Ma. Marliva Vanti Gonçalves

Aprovado em ____/____/2019

Banca Examinadora

Profª Ma. Marliva Vanti Gonçalves
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Profª Ma. Adriana dos Santos Schleder
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Profª Ma. Alessandra Paula Rech
Universidade de Caxias do Sul - UCS

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por todas as oportunidades e pelas pessoas maravilhosas com quem tive a oportunidade de conviver durante minha vida acadêmica.

Aos meus pais, Elói e Nilza, minha eterna gratidão por todos os ensinamentos e por terem me dado a maior e melhor experiência de todas: viver em uma casa com diversas crianças e adolescentes de diferentes realidades. Sem dúvidas isso influenciou, e muito, na pessoa que sou hoje. Obrigada, também, por estarem sempre ao meu lado, me mostrando qual é o melhor caminho, mas me deixando livre para escolher o que eu quiser.

Ao meu irmão, Mateus, meus sinceros agradecimentos pela força durante este processo acadêmico e pelas conversas que me acalmam. Mas, além disso, obrigada pelas aventuras e pela parceria de sempre.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Marliva Vanti Gonçalves. Nossas conversas de quarta-feira foram mais que orientações acadêmicas. Com a sua calma e esperança nos jovens, me fez ter coragem de seguir em frente e acreditar que não estou sozinha na luta por um mundo melhor. Sem sua paciência e incentivo nada disso seria possível. Muito obrigada!

Encarar este trabalho teria sido muito complicado se não fossem os amigos. Às meninas que, junto comigo, formam o melhor trio, Carol e Karine, obrigada por compreenderem minha ausência e me incentivarem a continuar neste caminho. Curiosamente nossas vidas se cruzaram dentro de uma sala de aula da UCS.

Léo, obrigada por cada janta no Restaurante Universitário, cada conversa e cada conselho. E, claro, pelos áudios. Mesmo em outro país, me apoiou do início ao fim. Arthur, obrigada por cada abraço e cada piada que me animava nos momentos em que eu pensava em desistir, e, também, por me deixar dirigir um fusca pela primeira vez.

Minha gratidão também a todos os profissionais, com os quais tive a honra de trabalhar. Guardo com muito carinho cada ensinamento e cada conselho.

“Nunca deixe ninguém te dizer que não pode fazer alguma coisa.

Se você tem um sonho tem que correr atrás dele.”

Christopher Gardner (Will Smith) no filme

À Procura da Felicidade

RESUMO

A presente monografia analisa a relação entre o esporte e a inclusão social em matérias jornalísticas esportivas na televisão, por meio de três reportagens: Recordistas: projeto de inclusão facilita contato de crianças deficientes com o esporte, da emissora Record TV; Pérolas Negras, time de refugiados, faz peneira com garotos sírios para jogarem no Brasil, da emissora Rede Globo e Força no esporte: programa de inclusão da emissora TV Nacional do Brasil. Todas abordam algum projeto social, desenvolvido em diferentes realidades. O objetivo geral é analisar a forma como a inclusão social, por meio do esporte, é retratada em reportagens telejornalísticas de diferentes emissoras. A pesquisa tem caráter qualitativo e a análise é feita por meio dos métodos de Análise de Conteúdo e Análise de Discurso. A base teórica para a pesquisa consiste nos estudos sobre jornalismo esportivo, jornalismo literário, televisão, bem como as questões que envolvem a inclusão social no Brasil. Ao final da aplicação da metodologia, ficou claro que o jornalista é um importante agente para que o esporte seja visto e lembrado como alternativa rumo a uma sociedade mais igualitária e participativa.

Palavras-chave: Jornalismo. Televisão. Inclusão Social. Esporte. Jornalismo Literário.

LISTA DE FOTOGRAMAS

Fotograma 1: Recordistas Eric e Mateus.....	56
Fotograma 2: Recordista Rodrigo.....	57
Fotograma 3: Jovem sírio.....	64
Fotograma 4: Mohamed Neymar.....	66
Fotograma 5: Mohamed Neymar sorrindo.....	68
Fotograma 6: Crianças sorrindo.....	69
Fotograma 7: Entrevista do Lucas.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 JORNALISMO.....	20
2.1 HISTÓRIA E EVOLUÇÃO	20
2.2 JORNALISMO LITERÁRIO.....	29
3 TELEVISÃO.....	34
3.1 HISTÓRIA E PERSPECTIVAS.....	34
3.2 TELEJORNALISMO.....	42
3.2.1 Categorias, gêneros e formatos da televisão brasileira.....	44
4 JORNALISMO ESPORTIVO.....	47
4.1 HISTÓRIA E EVOLUÇÃO.....	47
4.2 INCLUSÃO SOCIAL E A PRÁTICA ESPORTIVA.....	49
5 METODOLOGIA.....	52
5.1 SINOPSE E DECUPAGEM.....	52
5.1.1 Recordistas: projeto de inclusão facilita contato de crianças deficientes com o esporte.....	54
5.1.1.1 Decupagem.....	54
5.1.2 Pérolas negras, time de refugiados faz peneira com garotos sírios para jogarem no Brasil.....	61
5.1.2.1 Decupagem.....	62
5.1.3 Força no esporte: programa de inclusão.....	68
5.1.3.1 Decupagem.....	69
5.2 ANÁLISE.....	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80

REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICE A – PROJETO DE MONOGRAFIA.....	88
ANEXO A - DVD CONTENDO AS TRÊS REPORTAGENS UTILIZADAS COMO OBJETO DE ESTUDO.....	120

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema a relação entre o esporte e a inclusão social em matérias jornalísticas esportivas na televisão, por meio de análise de reportagens já estabelecidas. Desta forma, com a questão norteadora, busca-se observar como as matérias jornalísticas de televisão mostram o vínculo entre o esporte e a inclusão social.

A escolha do tema justifica-se pelo fato de que o telejornal é um dos formatos mais procurados pelos cidadãos brasileiros para se informar, inclusive, os mesmos participam do processo de produção, por meio de interação nas redes sociais, por exemplo. Pode-se notar a participação popular em reportagens esportivas, que buscam histórias nas comunidades onde estão as raízes da maioria dos atletas. Além disso, a opinião dos telespectadores é muito importante e é levada em consideração no momento de produzir programas.

A identificação desta pesquisadora com o tema surgiu por meio de duas paixões: o jornalismo e a prática de esportes. Desde a infância, a mesma interessou-se pelos esportes, em especial o futsal, e sempre recebeu o apoio dos pais; pais esses que trabalham há muito tempo em prol de causas sociais. Esse fato também fez com que a pesquisadora buscasse mais conhecimentos na área. Dessa forma, a representação da inclusão social por meio dos esportes em reportagens na televisão, pareceu ser um tema de total acordo com as experiências da estudante de Jornalismo e futura profissional.

Quando tinha três anos de idade, a pesquisadora foi morar em um abrigo¹, que era coordenado por seus pais e passou a conviver com crianças com diferentes histórias de vida. Lá ficou até seus 19 anos. Desde a adolescência, interessou-se, também, pelas causas defendidas pelos pais e busca por uma sociedade inclusiva.

O Curso de Jornalismo foi escolhido justamente pelo papel do jornalista dentro da sociedade, que não é apenas informar, mas apresentar os fatos da maneira mais fidedigna possível. Beltrão (1992) defende que o jornalista é um instrumento que transforma os fatos em notícias, levando a sociedade à ação, sendo que se não fosse dessa forma, não teria porquê caracterizá-lo como essencial.

¹ Abrigos são instituições de acolhimento a crianças e adolescentes que vivem em condições precárias. O abrigo ao qual a pesquisadora se refere é a Casa Família Murialdo, que posteriormente se chamou Casas Lar Murialdo. Ele ficava na rua Flores da Cunha, no bairro Centro, em Caxias do Sul, e a mesma permaneceu no local por 19 anos (2000-2019).

Sabendo disso, é preciso citar aqui que o Jornalismo traz consigo duas condições: a liberdade e a responsabilidade.

Segundo o autor, a liberdade deve ser compreendida pelo jornalista como inalienável, ou seja, o que permite com que sua atividade seja realizada livremente, o mais isenta possível de amarras ideológicas. Responsabilidade é o que o jornalista precisa para que consiga usar da sua liberdade, e ela vem sob três aspectos: “para com o indivíduo e a coletividade (jornalismo moral); para com a pátria (jornalismo e nacionalismo) e para com a comunidade internacional (jornalismo e paz mundial)” (BELTRÃO, 1992, p. 167, grifos do autor). O autor explica que esses tópicos são fundamentais para que se faça um Jornalismo correto, consciente de suas verdadeiras e legítimas finalidades.

Por abordar o telejornalismo na presente monografia, torna-se oportuno citar aqui que a televisão chegou ao Brasil em 1950, graças ao empresário Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. Alguns meses após a chegada dos equipamentos, foi fundada a primeira emissora do país, a TV Tupi-Difusora, em São Paulo. Naquela época, a programação seguia ordens diretas das empresas patrocinadoras, que, inclusive, contratavam os artistas e diretores. No início, o televisor era considerado artigo de luxo, mas logo se tornou quase que indispensável nas residências.

O jornalismo começou a ser transmitido, de fato, nos aparelhos televisivos em 1952, dois dias após a inauguração da primeira emissora. O formato do primeiro telejornal era baseado em um radiojornal de muito sucesso e levava o nome de seu patrocinador, a Esso(MATTOS, 2010).

Pode-se perceber que, após quase 70 anos da chegada da TV ao país, há uma maior autonomia do telejornalismo, diferente de quando os aparelhos começaram a funcionar no Brasil, em 1950, que a programação era ditada pelos patrocinadores. Segundo Mattos (2010), na atualidade, as emissoras têm mais liberdade para difundirem as informações da forma como acharem ser mais conveniente. Afinal a televisão tornou-se popular, sendo que o próprio público pode influenciar, pelo menos em parte, o que é transmitido.

Dentro da grade de programação existem categorias que dividem os programas transmitidos. Segundo Marques de Melo (apud Souza, 2004), são três as categorias que abrangem a maioria dos gêneros: entretenimento, informativo e educativo. Souza (2004) acrescenta duas categorias à lista: especiais e outros.

Pode-se exemplificar cada categoria como:

- a) Categoria entretenimento: programa de auditório, *talk show*, culinário, esportivo, filme, teledramaturgia.
- b) Categoria informação: telejornal, debate, entrevista.
- c) Categoria educação: educativo.
- d) Categoria especiais: musicais e minisséries.
- e) Categoria outros: *teleshopping*, religioso e político.

As categorias estão ligadas aos gêneros. Pode-se entender que categoria é um grupo de gêneros. E, de acordo com Souza (2004), gênero é o agrupamento de diversos formatos de programas. Para o autor, pode-se entender gênero como ordem. Um telejornal, por exemplo, encaixa-se na categoria de informação, porém, as reportagens podem variar quanto ao formato. Os programas esportivos pertencem à categoria entretenimento, mas, quando se trata de jornalismo esportivo, pode-se dizer que o formato é híbrido.

Para Souza, um formato associa-se a um gênero. O autor faz uma analogia, afirmando que na biologia uma classe agrupa diversos gêneros, que, por sua vez, agrupam diversas espécies: “em televisão, vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria” (SOUZA, 2004, p. 45).

As reportagens telejornalísticas esportivas, por exemplo, podem abranger, em seu conteúdo, informação e entretenimento. Para uma melhor definição dos programas que unem essas categorias, criou-se o termo infotenimento. Como expõe Dejavite (2006), esse termo surgiu ainda na década de 1980, porém, só ganhou força na década de 1990, quando começou a ser usado por profissionais e estudantes da área da comunicação, para classificar o jornalismo que, além de informação, também era capaz de divertir o público. Segundo a autora, esse termo resume bem o papel do jornalismo de entreter, além de informar. Ele expõe o conteúdo que reúne informação e diversão.

A partir daí, diversos programas passaram a ser classificados como infotenimento. Um exemplo são os programas esportivos, que apresentam competições que proporcionam momentos de lazer e entretenimento ao mesmo tempo que transmitem informações sobre os esportes televisionados.

O jornalismo esportivo começou com os jornais impressos e hoje faz parte da grade de programação de todos os meios de comunicação. Alguns autores, como Bahia (1990, p. 152), afirmam que o jornalismo esportivo iniciou seus trabalhos no

Brasil em 1856, “com O Atleta, que difunde ensinamentos para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro”. Naquela época, os jornais periódicos, que continham cadernos esportivos, estavam se consolidando no país, colocando o Brasil na lista dos países com grande produção na área da imprensa esportiva (COELHO, 2004).

O autor ainda conta que o jornalismo esportivo, como ele é visto hoje em dia, só começou em 1980, quando os jogos passaram a ser transmitidos ao vivo pela televisão. Como os torcedores podiam acompanhar a transmissão, os jornalistas tiveram de se adaptar e escrever os fatos como eles realmente aconteciam, sem exageros, como era de costume. Mas, mesmo com muitas mudanças, o jornalismo esportivo ainda é considerado uma área inferior, com pouca procura por parte dos anunciantes. Coelho (2004) ressalta que não se pode confundir o esporte, de modo geral, com o futebol. Este, sim, possui grande visibilidade no mercado.

O esporte se apropria bastante do jornalismo literário, formato diferenciado dentro do jornalismo. Diferente do *hard News*, como é chamado o jornalismo que trata de notícias factuais, o jornalismo literário tem uma liberdade maior para expor suas pautas, com mais tempo e mais leveza. Porém, cabe ao jornalista não fugir da realidade. Coelho (2004, p. 18) defende que “entre a lenda e a verdade, a literatura vai sempre preferir a lenda”. Já o jornalismo deve ficar sempre com o fato, o mais próximo possível do real. A fusão dessas duas formas de contar histórias pode ser entendida como jornalismo literário.

O jornalismo esportivo usa essa liberdade para contar histórias envolventes e conquistar o espectador com reportagens mais longas e que abordam assuntos mais pesados, ou seja, que mexem com o emocional da população, porém, é necessário que o profissional tenha habilidade para desenvolver da melhor forma possível o conteúdo a ser apresentado, que entretenha e informe o telespectador.

É comum programas esportivos contarem histórias de atletas que são bem-sucedidos, resgatando sua história e o que passaram na vida até alcançarem o sucesso. Em sua maioria, são pessoas que superaram diversos obstáculos, venceram preconceitos e conseguiram mostrar ao mundo que merecem um espaço no cenário do esporte. Existem práticas, como o auxílio Bolsa Atleta, fornecido pelo governo para atletas que se destacam nas competições nacionais e internacionais, que tornam essa “subida” (do começo da carreira ao sucesso) um pouco mais acessível, classificadas como uma forma de inclusão social.

A inclusão social, por meio do esporte e lazer, é garantida por lei² a todos os cidadãos brasileiros. A consultora da Secretaria Municipal de Esportes da Prefeitura de Belo Horizonte, Leila Mirtes Santos Magalhães Pinto (1998, p. 54), afirma que na sociedade atual, “predominantemente urbana e industrializada segundo os moldes capitalistas, convivem grupos com diferenciadas condições materiais de existência e características culturais próprias, sem, contudo, viverem isoladamente”.

A autora ressalta que essa desigualdade de oportunidades reforça as divisões de classe com diferentes condições econômicas. Segundo ela, é preciso reagir com consciência e empenho na democratização e na diversificação das atividades esportivas e de lazer, incentivando a participação popular e coletiva. Dentro dessa participação está o papel social do jornalista, como já citado anteriormente, neste trabalho.

O jornalista precisa desenvolver algumas qualidades como a persistência e a coragem, mas Beltrão (1992) dá ênfase para uma, em específico.

O primeiro atributo do autêntico jornalista é a curiosidade comunicativa, que difere da curiosidade pura e simples porque se reveste de um insopitável desejo de passar adiante a informação obtida ou o fato testemunhado, ajuntando-lhe dados novos e comentários. (BELTRÃO, 1992, p. 148)

Dessa forma, o profissional sente a necessidade de informar sobre tudo aquilo que se difere da normalidade. Causas sociais são, frequentemente, retratadas no *hard news*, e são ricas em dados e informações. Muitas vezes, até são desconhecidas pelo público. Sendo assim, o jornalismo esportivo está, cada vez mais, buscando assuntos diferenciados para atrair a atenção dos telespectadores. Porém, nem sempre retrata-se a realidade fidedignamente.

A liberdade possível via jornalismo literário pode fazer com que se romantize o sofrimento das pessoas, passando a ideia de que a meritocracia³ atinge a todos.

O desenvolvimento desta monografia se baseou em alguma hipóteses e objetivos a serem alcançados, para melhor compreensão é importante citá-los.

² Constituição Federal (1988). Art. 217, § 3: O poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social.

³ É um modelo de hierarquização e premiação baseado nos méritos pessoais de cada indivíduo. Fonte: <https://www.significados.com.br/meritocracia/>. Acesso em 12 de novembro de 2018.

H1 – O telejornalismo esportivo, quando ligado à inclusão social, coloca o esporte como uma alternativa de superação para jovens em condições de vulnerabilidade socioeconômica;

H2 – As reportagens objetos de estudo desta pesquisa, assim como o telejornalismo esportivo, são construídas com base no jornalismo literário, transformando a realidade em histórias cativantes para prender a atenção do telespectador;

H3 – As reportagens objetos de estudo dessa pesquisa são produzidas de forma que passem a ideia de que o esporte pode dar uma vida digna às pessoas por meio do seu discurso;

H4 – O telejornalismo assume papel fundamental na sociedade, sendo que é uma das formas mais fáceis de obter informação. Os jornalistas, por sua vez, contam os acontecimentos de forma que fique mais agradável para o público.

Os objetivos abaixo foram elaborados a fim de que se possa buscar respostas para as hipóteses listadas. O objetivo principal passa pela análise sobre a forma como a inclusão social, por meio do esporte, é retratada em reportagens telejornalísticas de diferentes emissoras. Os objetivos específicos são:

a) Apresentar a história da televisão no Brasil, bem como o surgimento do telejornalismo esportivo;

(Este objetivo está relacionado às hipóteses 1 e 4)

b) Estudar o conceito de inclusão social e sua evolução no Brasil;

(O objetivo está relacionado à segunda hipótese)

c) Analisar o conteúdo das reportagens objetos de estudo, levando em conta a forma como o jornalista mostra os fatos e o seu discurso, de modo geral;

(Objetivo relacionado às hipóteses 1 e 3)

d) Aprofundar o conhecimento sobre o jornalismo literário, diferenciando o envolvente do instantâneo;

(Este objetivo está relacionado às hipóteses 1, 2 e 4)

e) Refletir acerca do papel social do jornalista na sociedade.

(Este objetivo está relacionado à terceira e quarta hipóteses)

A pesquisa foi dividida em sete capítulos, previamente organizados. Esta introdução faz parte do primeiro capítulo. Após, vem a história do Jornalismo (Capítulo 2), abordando desde os primórdios da comunicação até os programas televisivos atuais. Para melhor entender o assunto, há também subcapítulos tratando sobre o papel social do jornalista e o Jornalismo Literário.

O Capítulo 3 fala sobre a história da televisão brasileira, trazendo conceitos como gêneros e formatos televisivos, com foco no telejornalismo. O Capítulo 4 aborda o Jornalismo esportivo, suas características e sua história. Nesse capítulo é feita uma análise sobre o vínculo existente entre o esporte e a inclusão social e qual é o papel do profissional de jornalismo que deve transmitir essa relação aos telespectadores.

No Capítulo 5 são apresentadas as três reportagens que se constituem em objeto de estudo desta pesquisa. As reportagens foram escolhidas por abordarem o esporte como forma de conseguir melhores condições de vida. São elas:

- a) Recordistas: projeto de inclusão facilita contato de crianças deficientes com o esporte;

Programa: Esporte Fantástico

Transmitido por: Record TV

Tempo: 4'39"

- b) Pérolas negras, time de refugiados, faz peneira com garotos sírios para jogarem no Brasil;

Programa: Esporte Espetacular

Transmitido por: Rede Globo

Tempo: 11'11"

- c) Força no esporte: programa de inclusão.

Programa: Repórter NBR

Transmitido por: TV Nacional do Brasil

Tempo: 2'18"

A aplicação da metodologia compõe o Capítulo 6. Este trabalho tem como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, que pode ser encontrada em todas as etapas do processo. Ela é baseada em livros e artigos disponibilizados na internet e é por meio dela que se desenvolve o escopo científico da monografia. Segundo Almeida Júnior (1989, p. 100), a pesquisa bibliográfica é “a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema”. As referências utilizadas servem para ampliar e embasar os estudos sobre os principais temas e conceitos abordados, como o Jornalismo, a história da televisão e sua linguagem, além do Jornalismo esportivo e da inclusão social.

A monografia tem caráter de pesquisa qualitativa para melhor entender como a relação entre inclusão social e esporte é mostrada nos programas esportivos na televisão. Marconi e Lakatos (2008, p. 269) afirmam que “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”.

Laurence Bardin (2011, p. 15) propõe um método de análise que se encaixa na intenção desta monografia, a Análise de Conteúdo, por se tratar de um “conjunto de instrumentos metodológicos [...] que se aplicam a discursos extremamente diversificados”. Além desta, foi utilizada a Análise de Discurso. A Análise de Conteúdo é dividida em três fases principais: pré-análise, quando faz-se a coleta de material, neste caso as reportagens objetos de estudo; exploração do material, quando ocorre a decupagem dos vídeos selecionados, e, por fim, o tratamento dos resultados, inferência e a interpretação, ou seja, a análise propriamente dita.

A primeira fase é constituída da “escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objectivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p. 95). Como material de estudo, foram escolhidas três reportagens já mencionadas neste projeto, tendo como referência diversos livros e artigos para entender um pouco mais sobre a história do jornalismo esportivo e como ele retrata a inclusão social por meio do esporte.

A segunda fase é onde se aplica o conteúdo coletado na fase anterior. Ela é composta pela decupagem das reportagens escolhidas. Nesta fase, as reportagens objetos de estudo deste trabalho foram analisadas a partir do conteúdo e do discurso. Bastos e Oliveira⁴ defendem que, apesar dos métodos de Análise de Conteúdo e de Análise de Discurso serem muito próximos, um não exclui o outro, e, sim, trabalham juntos, possibilitando uma melhor compreensão de determinada mensagem. A Análise de Conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44). A partir dessa colocação, a autora defende que esse método se dá através de estudos que têm como objetivo

⁴ BASTOS, Marcellus Henrique Rodrigues; OLIVEIRA, Ualison Rebula de. **Análise de discurso e Análise de Conteúdo**: Um breve levantamento bibliométrico de suas aplicações nas ciências sociais aplicadas da Administração. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/26322295.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

entender as interações verbais e não verbais entre indivíduos, o que facilita o entendimento do discurso.

A análise do discurso tem como foco compreender e refletir sobre os discursos que os sujeitos fazem para além daquilo que é óbvio no mesmo. Por exemplo, o tom de voz, o timbre, as paradas o silêncio a entonação. Na Análise de Conteúdo o objeto de estudo é o registro em si, presente em um texto, um documento, uma fala ou um vídeo. Em certo sentido, podemos inferir que a análise de conteúdo está contida na análise do discurso, mas o inverso não ocorre. (BASTOS e OLIVEIRA, p. 5)

Ainda sobre a Análise do Discurso, Pisa, Souza e Vizibeli (2018, p. 13) defendem que a concepção do discurso como prática social e política acabou com a ideia da “linguagem como um instrumento do qual o agente humano lança mão para transmitir informações”. Segundo Bastos e Oliveira, exige sensibilidade do pesquisador para a interpretação de subjetividades não explícitas no discurso do que é pesquisado. É a Análise de Discurso que torna possível perceber como se fala, como se dá a interação entre emissor e receptor de uma mensagem; identifica o receptor; como se interpreta o discurso produzido pelos outros sem desconsiderar a subjetividade do pesquisador.

Na fase 2, Bardin sugere que se estabeleçam categorias para direcionar o olhar para o material que é objeto de estudo. Sendo assim, escolheu-se para a análise pretendida, o sistema de categorização apresentado por Ian Parker⁵, com alguma adaptação da pesquisadora:

Textos (O que se fala)

1 - tratar objetos de estudo como sendo textos (nesse caso, a decupagem, essencialmente a partir das histórias contadas)

2 - explorar conotações, associação livre

Sujeitos (Quem fala)

3 - especificar sujeitos (pessoas, assuntos, temas, etc.), como tipos de objetos no texto (nesse caso, os repórteres)

4 - especular acerca de como eles podem “falar”

História (Entrelinhas)

5 - analisar com atenção como esses discursos emergem

⁵ PARKER, Ian. Discourse Dynamics: Critical Analysis for social and individual psychology. London: Routledge, 1992.

Instituições e Poder (Valores de Convivência)

6 - identificar instituições reforçadas pelos discursos

7 - identificar instituições que são atacadas pelos discursos

8 - analisar que categorias de pessoas ganham e perdem

9 - questionar quem os promoverá e quem se lhes oporá

A terceira fase, para Bardin (1977, p. 101), é o momento em que ocorre o tratamento dos resultados obtidos, interpretando-se os mesmos. A autora reforça que “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objectivos previstos”.

O último capítulo é atribuído às considerações finais desta monografia. É neste capítulo que foi possível analisar se a questão norteadora foi resolvida, com base nas respostas às hipóteses.

2 JORNALISMO

Neste capítulo, será apresentado um breve histórico do Jornalismo no Brasil, bem como sua constante evolução. É importante também abordar os meios que transmitem as informações e os fatos para a população. Além disso, será explorada a base e os princípios do Jornalismo. A forma como um fato se torna notícia e qual a diferença entre notícia, reportagem e grande-reportagem, também são explicadas nas próximas páginas.

2.2 HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

Para entender melhor a história do jornalismo é preciso estudar os primórdios da comunicação. Beltrão (1992) conta que ela está ligada aos povos antigos que repassavam fatos que ocorriam diariamente, como o sucesso de uma pesca ou de uma caça, por meio de imagens, em especial. Informação sempre foi primordial ao ser humano. Nos primórdios do Jornalismo, os povos se utilizavam da informação para registrar, por exemplo, a construção de cidades.

Beltrão (1992, p. 33) afirma que “entre todas as atividades humanas, nenhuma responde tanto a uma necessidade do espírito e da vida social quanto o jornalismo. É próprio da nossa natureza informar-se e informar”. Para Bahia ([19--], p. 30), “as origens do jornalismo se encontram nas primeiras manifestações conscientes ou organizadas da comunicação, com elas surge o costume da transmissão de informações”. Na ótica do autor, o Jornalismo não é propriamente uma invenção e, sim, parte de um processo social e histórico.

Juarez Bahia (1990, p. 9) explica a palavra jornalismo como “apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação”. Segundo ele, o jornalista assume papel de intermediador entre a vida social e a sociedade. Bahia ([19--]) defende que a principal finalidade do Jornalismo é a informação e ela deve ser verdadeira e íntegra.

No mesmo sentido, Beltrão (1992) destaca que, depois de se ter noções históricas, é possível colocar o Jornalismo como essencial na vida do homem em coletivo, ou seja, ele assume uma posição de alta relevância no mundo. Os homens

buscam por informação, sempre em veículos mais especializados e diversificados, para que possam se manter a par dos acontecimentos.

Na televisão, por exemplo, o autor explica que “a imagem jornalística procura dar uma visão sintética completa do acontecimento” (BELTRÃO, 1992, p. 49), sendo que não é necessária inteligência apurada para se entender o que está sendo transmitido. Para ele, a televisão nasceu dos progressos da área eletrônica e desenvolveu-se muito rápido nos países mais industrializados, com grandes emissoras.

No Brasil, segundo Caldas (2002), o primeiro jornal que surgiu foi em 1808, com o nome de “Correio Braziliense”. Hipólito José da Costa foi o responsável por lançar o jornal, em Londres, no dia 1º de junho. Seu conteúdo era formado por seções políticas, comércio, literatura, reflexões, entre outros assuntos. Passados alguns meses, surgiu a Gazeta do Rio de Janeiro, que segundo o autor, chegou para revolucionar. A Gazeta foi considerada um avanço por Bahia (1990), afinal não era permitida a circulação de notícias e panfletos naquela época, no Brasil. É importante citar que não havia cursos para profissionalizar quem escrevia nos jornais, então, os jornalistas acabavam sendo os intelectuais da alta sociedade, que não escondiam sua parcialidade.

Marcondes Filho (2002) divide o Jornalismo em quatro fases. Em 1789 se iniciou a primeira, que seguiu até a metade do século XIX. O autor chamou essa fase de “iluminação”, pois o Jornalismo era uma atividade mais artesanal, que alcançava apenas pessoas da alta sociedade. Após, veio a segunda fase que se iniciou na metade do século XIX e se estendeu até 1900, caracterizada pela inovação tecnológica. Esse período exigiu alto investimento financeiro por parte das empresas para a modernização dos equipamentos. Marcondes Filho (2000) afirma que surgiram naquela época algumas características da atividade jornalística: “a busca da notícia, o “furo”, o caráter de atualidade, a aparência de neutralidade, em suma, o caráter literário e independente” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 14, grifo do autor).

A terceira fase se iniciou, então, em 1900, sendo que Marcondes Filho (2000) caracterizou-a a partir dos “monopólios”, que acabaram em 1960. Durante aquele período, outros veículos de comunicação se desenvolveram, ajudando na distribuição da notícia. Nessa fase foi produzido o primeiro jornal em cores, a “Gazeta de Notícias”. Após, ainda houve mais jornais que ganharam destaque no

país: Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e o Diário de Pernambuco (COSTELLA, 1984).

Marcondes Filho (2000) cita que a transformação do jornal de artesanal para empresarial aconteceu ainda na década de 1930 e, a partir daí a prática jornalística evoluiu ainda mais, sendo que na sequência surgiram o rádio e a televisão. A quarta fase iniciou em meados dos anos 1970, denominada por Marcondes Filho (2000, p. 30) “jornalismo da era da tecnologia”. Esta fase segue até os dias de hoje e foi dividida em dois processos:

Primeiramente, a expansão da indústria da consciência no plano das estratégias de comunicação e persuasão dentro do noticiário e da informação (...) Depois, a substituição do agente humano jornalista pelos sistemas de comunicação eletrônica, pelas redes, pelas formas interativas de criação, fornecimento e difusão de informações. São várias fontes igualmente tecnológicas, que recolhem material de todos os lados e produzem notícias. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 30)

Luiz Beltrão (1992) afirma que esse formato de divulgação jornalística - industrialização e alta tecnologia - está sendo cada vez mais abandonado pelo crescente uso dos meios eletrônicos, principalmente pelo surgimento da internet, que será aprofundado no decorrer deste capítulo. Antes disso é preciso dizer que quando as informações são transmitidas via jornal impresso, há uma imensa produção de papel, o que também chama a atenção para uma possível escassez de matéria-prima.

No rádio, isso muda um pouco. Hoje em dia, basta um celular para ter acesso às notícias. É bom lembrar que a palavra falada foi uma das primeiras formas de Jornalismo. Para Ferraretto (2001, p. 97), o rádio não é um simples veículo de comunicação, ele é “(...) o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado”.

O rádio é um dos meios de comunicação mais importantes, pois é capaz de atingir um maior número de pessoas ao mesmo tempo. Da mesma forma que a televisão, trazida por Assis Chateaubriand ao Brasil, em 1950. Beltrão (1992) explica que o Jornalismo pela imagem é compreendido em desenho, fotografia, cinema e televisão. O desenho é considerado, depois da palavra falada, a mais antiga

modalidade jornalística, pois surgiu com os povos pré-históricos, que marcavam as paredes das cavernas, retratando sua realidade.

O formato do primeiro telejornal era baseado em um radiojornal de muito sucesso e levava o nome de seu patrocinador, a Esso (MATTOS, 2010). Porém, dois anos antes, os Diários e Emissoras Associadas já estavam preparando seus “radioatores”, como define o autor, para que atuassem no novo veículo e para que também fossem conhecidos pelo público, não só sua voz, mas sua imagem. A popularização da TV se deu ainda antes do golpe militar, em 1964. Com a criação do Ministério das Comunicações, em 1967, as concessões levavam em conta, além das necessidades da população, interesses do Conselho de Segurança Nacional⁶, que queria aumentar a popularidade do governo e ter ciência de tudo que era transmitido.

Mattos (2010) define a história da televisão em sete fases:

- a) A elitista (1950 – 1964), onde o televisor era artigo de luxo. Apenas a elite tinha acesso e condições de ter um. Durante essa fase, nos anos 1960 surgiu o videoteipe, “um aparelho eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera. Acoplados, um ou mais videotapes são usados para edição de matérias nas ilhas de edição” (PATERNOSTRO, 1999, p. 153). Dessa forma, o VT permitiu que os programas pudessem ser gravados e exibidos em horários que melhor conviessem à emissora. Nessa fase foi transmitido o primeiro programa esportivo, em 1953, na TV Record. Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara comandaram uma mesa redonda, na qual transmitiam jogos de futebol ao vivo e, também, informações ligadas ao esporte. Esse modelo já era utilizado em rádios e foi adaptado para a televisão;
- b) A fase populista (1964-1975), quando a televisão já apresentava programas de auditório e era considerada um exemplo de “modernidade”, pois se desenvolvia rapidamente. Importante ressaltar que durante essa fase o Brasil sofreu um golpe militar (1964 – 1985) que depôs o então presidente João Goulart. Em 1972, ao final desta fase, foi realizada a primeira transmissão em

⁶ Órgão do governo criado pelo artigo 162 da Constituição de 1937, com a função de estudar todas as questões relativas à segurança nacional. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/conselho-de-seguranca-nacional-csn>. Acesso em 20 de abril de 2019.

- cores, da Festa Nacional da Uva, transmitida pela TV Difusora, de Porto Alegre;
- c) Entre 1975 e 1985, ficou compreendida a fase do desenvolvimento tecnológico, quando os aparelhos passavam por aperfeiçoamentos, para produzir seus próprios programas, em nível nacional e internacional;
 - d) A fase da transição e expansão internacional (1985-1990), durante o governo de José Sarney, a Nova República⁷, quando se concretizaram as exportações de produtos televisivos, como as novelas;
 - e) A fase da globalização veio logo em seguida (1990-2000), com a busca pela “modernidade” que tomou conta das emissoras e inseriu os canais por assinatura (televisão segmentada) que contribuíram para o processo de globalização;
 - f) A partir dos anos 2000, a convergência⁸ e a qualidade digital fizeram com que a televisão se reformulasse, de modo que permitisse maior interação entre apresentador e público. Também foi na fase da convergência e qualidade digital que o país adotou novas tecnologias, criando o sistema de televisão digital;
 - g) Por fim, a fase da portabilidade, mobilidade e interatividade digital, que começou em 2010 e segue até os dias de hoje, fazendo com que o mercado de comunicação crie um novo formato devido às novas mídias que se apresentam, tornando a produção e a distribuição de conteúdo de suma importância para as emissoras.

Para Pena (2006), o Jornalismo tem sua base no medo do desconhecido. Sendo assim, busca conhecer, para “quebrar” essa sensação, mas além de buscar o conhecimento, o jornalista o busca para repassar a outros. O autor defende que a essência da profissão pode estar na prestação de serviço à comunidade, cuidando para que as pessoas recebam as informações com qualidade e veracidade, pois os jornalistas são formadores de opinião.

⁷ Período marcado pelo fim da Ditadura Militar e eleições diretas para presidente, em 1985. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/nova-republica-inicio-eleicoes-diretas-e-presidentes/>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

⁸ Conceito proposto por Henry Jenkins para definir as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais apresentadas nos meios de comunicação. JENKINS, Henry, **Cultura da Convergência**. 2. ed. - São Paulo: Aleph, 2009.

Para que se entenda melhor a profissão e suas reponsabilidades, faz-se necessário listar aqui alguns princípios do Jornalismo, todos ligados à ética profissional:

- a) Veracidade e Honestidade são valores primários do jornalismo. Bahia (1990, p. 12) defende que, muitas vezes, a veracidade assume o lugar da verdade, tendo ainda mais valor. Para o autor, “a verdade no jornalismo é um ideal tão questionado quanto a verdade na justiça”.
- b) Objetividade: assim como os valores anteriores, este trata-se de um ideal jornalístico. Não é necessariamente a informação de forma curta, mas, sim, de forma mais clara, direta e fiel possível (BAHIA, 1990).
- c) Imparcialidade: talvez o valor mais questionado por parte do público seja a imparcialidade, porém não tão simples de exercer tal princípio, uma vez que o ser humano está constantemente emitindo opiniões. Mas, como defende Bahia (1990), nem o público consegue ser 100% imparcial em todos os momentos.

Seguindo a definição dada por Beltrão (1992, p. 67), o “jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum”. Para isso, existem algumas características e técnicas para atrair a atenção do público.

Dentre as principais características do Jornalismo está a atualidade, talvez a mais importante delas, afinal, é uma profissão que vive do cotidiano. Também pode-se destacar a variedade. Beltrão (1992) ressalta que o ser humano busca no Jornalismo, três coisas: saber dos fatos diários, receber orientações e entreter-se. E, por fim, faz-se oportuno citar a interpretação, pois é ela que torna um material interessante ou não. Porém, esta interpretação não se trata de fazer um “personagem jornalista”, e, sim, utilizar-se do próprio corpo para dar força ao que se quer informar. Cabe ao jornalista ressaltar o acontecimento que mais importa, as repercussões que irá causar. O simples fato de publicar já implica em uma interpretação, visto que o profissional precisou buscar dados e fazer uma seleção crítica a partir deles.

As pessoas acordam querendo saber o que está acontecendo no mundo e buscam por informação nas notícias que circulam nos diversos veículos, como explica Alsina (2009, p. 12). Notícia é a matéria-prima do Jornalismo, ela “é a

narração de um fato ou o reescrever de uma outra narrativa, enquanto que o acontecimento é a percepção do fato em si ou da notícia”. Dessa forma, um acontecimento, do chamado “mundo real”, pode ou não virar notícia.

Na década de 1960 surgiu o termo valor-notícia, ou critérios de noticiabilidade, como definem os norte-americanos Johan Galtung e Marie Ruge (apud WOLF, 2003). Os valores têm como finalidade ajudar na escolha das notícias e carregam algumas características que tornam possível entender o porquê de alguns acontecimentos virarem notícia e outros, não. Segundo Wolf (2003), essas características são:

- a) notoriedade: quando alguém é reconhecido por sua reputação resultante do talento ou mérito;
- b) morte: para Traquina (2005), morte é um acontecimento que reúne jornalistas. Pode-se, então, ligar este valor-notícia ao anterior, pois pessoas que têm prestígio na sociedade ganham mais destaque nos noticiários, até quando morrem;
- c) proximidade: um fato tem mais chances de virar notícia quando ocorrer próximo de um público específico;
- d) relevância: é algo que impacta a vida das pessoas;
- e) novidade: o que é novo tem mais facilidade para atrair a atenção do público;
- f) tempo: pode ser entendido de três formas: a atualidade dos fatos, efeméride (fato importante ocorrido em determinado dia) e continuidade;
- g) notabilidade: se refere à qualidade do fato e à quantidade de pessoas envolvidas;
- h) inesperado: algo surpreendente, que supera as expectativas;
- i) conflito: acontecimentos que chamam a atenção pela violência, seja física ou simbólica;
- j) controvérsia: opiniões diferentes sobre uma mesma ação, polêmica sobre algo a respeito do qual muitas pessoas divergem;
- k) infração/escândalo: este valor se refere à violação de regras. Sendo assim, os crimes adquirem importância como notícia;
- l) disponibilidade: ter facilidade para fazer a cobertura de algum evento;
- m) equilíbrio: produzir uma quantidade considerável de notícias para cada acontecimento;

- n) visibilidade: ter material de qualidade visual (imagens) para que seja noticiável;
- o) concorrência: ficar sabendo de um fato antes de outros veículos de comunicação e conseguir, em um tempo curto e de forma correta, divulgar para a sociedade;
- p) dia noticioso: há dias mais agitados nas redações, quando se recebem muitas notícias, mas há dias em que é necessária a produção de “matérias de gaveta” que tratam de diversos assuntos, como culinária e lazer;
- q) simplificação: aqui encaixam-se os acontecimentos comuns no dia-a-dia;
- r) amplificação: trata-se da dimensão do acontecimento e das consequências que ele gera;
- s) relevância: quanto maior a importância e o impacto do acontecimento, mais facilidade ele terá de virar notícia;
- t) personalização: quanto mais personalizado for um acontecimento, ou seja, mais próximo a um determinado grupo, mais chance terá das pessoas se interessarem por ele;
- u) dramatização: ligado ao sensacionalismo, esse valor pretende despertar o lado emocional do público;
- v) consonância: quando há uma concordância ou conformidade sobre os acontecimentos.

Assim como a comunicação como um todo, os valores-notícia vieram se adaptando ao longo do tempo. Traquina (2005) afirma que não há como definir um critério com mais importância sobre os outros, pois qualquer ruptura na normalidade pode ter espaço no mundo das notícias. O jornalista deve sempre prezar pela atualidade, cuidando para repassar rápida e corretamente as informações. É papel do jornalista investigar os fatos, o que contribui para a qualidade de uma notícia, além de ter uma boa agenda de contatos.

Por vezes, a mídia é identificada como o “quarto poder”, porém, esse poder é simbólico. Para Bourdieu (2001), poder simbólico é como uma força que não se vê, passa quase que imperceptível ou disfarçada. A mídia expõe sua opinião de forma sutil por meio de suas reportagens, postagens e linha editorial. Dessa forma, é possível compreender o pensamento de que o jornalista é um formador de opinião. Martino (2003) complementa, dizendo que apresentar a mídia como formadora de opinião é corriqueiro na área acadêmica. Bourdieu (2001, p. 135) também aborda o

campo social e o descreve como “um espaço multidimensional de posições”, sendo que o conhecimento desse mundo social é fundamental para entender as categorias de percepção que formam esse universo.

Também é possível pautar o Jornalismo pelo papel social da profissão.

Esses meios de comunicação não só transmitem informações, mas também são os agentes políticos que estão comprometidos com a realidade social. Partindo dessa perspectiva o jornalista assume essa função justamente para ajudar os mais necessitados. (ALSINA, 2009, p. 214)

Por vezes, a sociedade relaciona o romantismo a uma característica do Jornalismo, pois alguns profissionais se submetem a condições de trabalho, como os baixos salários, sendo possível a interpretação de que o jornalista é capaz de trabalhar apenas por amor à profissão. Rossi (1994) segue a linha de pensamento de que os jornalistas trabalham, acima de tudo, para a sociedade e define como “vesga” a atitude de não cumprir suas responsabilidades, colocando culpa nas condições precárias de trabalho.

As tecnologias que envolvem o Jornalismo, como câmeras, equipamentos para estúdio e computadores mais potentes, são caras e, por isso, as empresas optam por se adequar da forma que conseguem, nem sempre oferecendo as condições que o jornalista precisa para realizar o melhor trabalho. Um meio de comunicação que já passou por diversas reformulações foi a televisão, que se apropriou da tecnologia e evoluiu muito para conseguir conquistar cada vez mais o público. Hoje, a televisão também está se adaptando em função das condições tecnológicas oferecidas pela internet.

A internet é o meio de comunicação mais recente. Surgiu no Brasil em 1988, mas as primeiras conexões foram disponibilizadas apenas em universidades, pelos professores e acadêmicos (PINHO, 2003). Ela só chegou ao uso doméstico em 1995, e, assim como no surgimento da TV, a internet também possibilitou um grande avanço ao Jornalismo. Com a tecnologia, os fatos passaram a ser transmitidos em maior velocidade e abrangência.

Pode-se perceber que, assim como o rádio precisou se reinventar com a chegada da televisão, a mesma passou pelo processo de se recriar com a chegada da internet. Nenhum dos veículos deixou de existir com a chegada dos outros,

porém, aprimoramentos precisam ser feitos a todo momento. Com todos os avanços tecnológicos, é possível afirmar que o Jornalismo só tende a evoluir cada vez mais, buscando jornalistas mais preparados para enfrentar as diversas áreas da profissão.

E como diz Jenkins (2009), a questão não é apenas tecnológica. Isso vale para os meios, mas também para os profissionais que trabalham neles. Aí se encaixa o papel social do jornalista. De modo geral, o papel do jornalista de investigar os fatos e ter boas relações com as fontes é um fator determinante para gerar uma boa notícia. Porém, a correria das redações pode prejudicar o aprofundamento de matérias. Sabe-se que a essência do jornalismo está ligada diretamente à vida das pessoas, sendo assim, o jornalista deve se empenhar para desenvolver suas atividades de acordo com os princípios do Jornalismo, alguns já citados neste capítulo.

A ética profissional não pode ser fiscalizada profundamente porque é originária nas intenções de cada um quando apura, escreve ou divulga uma informação; é de foro íntimo e resulta da soma dos valores que cada um de nós preza. Essa é a medida que não define apenas o bom jornalista, mas a pessoa, mesmo quando esta, sorrateiramente, tenta se esconder. (CURADO, 2002, p. 22)

2.3 JORNALISMO LITERÁRIO

Para abordar assuntos mais complicados, que demandam maior espaço, seja no meio impresso, televisivo ou em qualquer outro, é indicado que o jornalista utilize o “estilo literário”. O Jornalismo Literário é assim chamado, pois mistura a informação do Jornalismo com o enredo envolvente que compõe a literatura.

Hoje é possível perceber três categorias de obras quanto ao emprego de recursos literários: as puramente de ficção, que tratam dos produtos do imaginário elaborados pelo escritor; as jornalísticas, que se apropriam dos recursos literários apenas para reportar melhor a realidade; e as que mesclam a ficção e o factual. (LIMA, 2004, p. 180)

Para o autor, à medida que o texto jornalístico progride de notícia para reportagem, se faz necessário o aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem. Desde o início da imprensa, a literatura e o Jornalismo andam juntos.

Ainda segundo Lima (2004), os primeiros jornais abriam espaço para arte literária em seus folhetins.

Nos Estados Unidos da América, o termo Jornalismo Literário foi utilizado para explicitar as narrativas jornalísticas que empregavam recursos literários (LIMA, 2004). Para que o Jornalismo pudesse se igualar, em qualidade narrativa, à literatura, foi preciso sofisticar seu instrumental de expressão e elevar seu potencial de captação do real, chegando ao termo *new journalism*. O *new journalism* surgiu como uma forma de protesto contra as fórmulas impostas pela industrialização da informação e chegou a influenciar veículos no Brasil.

Considerada uma das mais importantes obras de jornalismo literário, *A sangue frio*, de Truman Capote, foi publicado em capítulos na revista *The New Yorker*, em 1965, se transformando em livro-reportagem em 1966. A revista Realidade, lançada pela Editora Abril, em 1966, foi uma das impulsionadas pelo “novo jornalismo”. Era possível encontrar diversas características, típicas do *new journalism* na revista, como “fazer seus repórteres viver integralmente a vida dos personagens que iriam retratar” (LIMA, 1993, p. 51). O autor cita que não é por se tratar de uma junção com a literatura, que o jornalista deixa de possuir o papel de formador de opinião na sociedade.

Importante lembrar que o *new journalism* deu voz a um movimento que já existia dentro das redações, mas não inventou o jornalismo literário, uma vez que

(...) repórteres rebeldes sempre procuraram, ao longo da história, manter viva a chama da reportagem mais solta, criativa, provocante, tirando da literatura e de outras formas de compreensão e expressão do mundo, inspirações renovadoras. (LIMA, 1993, p. 51-52)

Atualmente, o jornalismo literário é utilizado para apresentar os fatos e acontecimentos de uma forma mais humana, afastando-se da abordagem tradicional do Jornalismo. Pena (2006) afirma que o jornalista deveria ser o profissional preocupado com o bem social e ligado às causas coletivas, porém, está se aproximando demais da espetacularização.

Debord (1997, p. 171) explica que “o espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos”. É possível afirmar que o espetáculo faz parte da televisão brasileira, afinal, sempre se buscou um modelo de televisão

que se aproximasse do público. Llosa (2013, p. 29) diz que formamos uma “civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal”. É claro que o espetáculo não está presente apenas na televisão, mas na mídia em geral.

Clóvis Rossi (1994) destaca que uma reportagem deve ser a melhor versão possível que se possa obter da verdade. Sobre sua experiência, o autor relata que todo jornalista tem necessidade de fazer memória sobre os temas frequentemente abordados. Além disso, Rossi (1994) explica que a especialização deve sempre acompanhar o profissional. Para o autor, o jornalista enfrenta um problema quanto ao teor crítico do material produzido.

Há muitos jornalistas que evitam a crítica por temor de perder o amigo ou a fonte de informação. Se a amizade for sincera, não será a crítica que a ameaçará. E as fontes não se conquistam ou se preservam com a bajulação ou a omissão mas com a honestidade profissional. (ROSSI, 1994, p. 30)

Sendo assim, cabe ao jornalista produzir um material que entretenha a população e, ao mesmo tempo, carregue certa quantidade de crítica. Lima (1993, p. 63) afirma que é preciso saber o limite entre o entretenimento e a crítica e aconselha que “a percepção parcial das coisas deve estar a serviço da percepção total, como importante e fiel complemento, mas nunca o contrário. Não ponha o carro na frente dos bois”.

Kotscho (2001, p. 32) defende que “informação e emoção são as duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá que lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-las na medida certa em cada matéria”. Para o autor, é impossível que o repórter fique insensível frente aos fatos, afinal, antes de ser jornalista, é um ser humano. Sendo assim, o Jornalismo Literário permite que o profissional liberte o lado mais humano, deixando de lado os preconceitos e, às vezes, crenças, para que seja possível sensibilizar-se com a história de cada entrevistado.

Além de um Jornalismo que foge de amarras ou que relaciona os princípios do Jornalismo com os da literatura, para Pena (2005) o conceito é muito mais amplo.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes

burocráticas do lide⁹, evitar os definidores primários' e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2005, p. 48)

Portanto, o jornalismo literário potencializa o papel social do jornalista, que vai além de informar. Ferrari e Sodré (1986) afirmam que o jornalista deve ter o conhecimento suficiente para escrever uma reportagem de qualidade e que vá acrescentar algo na vida das pessoas. Traquina (2005, p. 46) diz que “os jornalistas precisam comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade”.

Além disso, ele precisa escrever o texto que contenha aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos e tecnológicos. Estas reportagens produzidas podem ser aquelas que se encaixam no *hard news*, um material mais sucinto, que trata os acontecimentos de maneira direta; ou então as grandes reportagens, que permitem ao jornalista a maior exploração e apuração dos fatos. Um exemplo de programa de grandes reportagens é o Globo Repórter, que vai ao ar toda sexta-feira, na tela da Rede Globo. O jornalismo literário engloba as grandes reportagens, sendo que elas caracterizam-se, principalmente, pela duração maior. Na maioria das vezes, elas provocam reflexões que dificilmente seriam exploradas com as pequenas reportagens e notícias.

A mensagem que vai atingir as pessoas depende da razão e da emoção do jornalista que a escreve. Assim, o que importa acima de tudo é realizarmos o nosso trabalho com independência, honestidade, isenção, imparcialidade, ética e respeito ao ser humano. A busca da verdade não termina jamais. (PATERNOSTRO, 1999, p. 62)

Cresce também a pressão sobre o jornalista. Pressão esta imposta pela revolução tecnológica ocasionada pela internet e as novas condições de trabalho que privilegiam a rapidez; a cultura das redações, os núcleos de mercado inusitados e integrados a outras áreas (antes não imaginadas como parceiras) e a necessidade de saber manusear um grande número de equipamentos e linguagens. Talvez seja o jornalismo literário a forma mais sutil do jornalista se aproximar da população, descobrir suas qualidades, defeitos, dilemas, e, assim, transmitir a mensagem ao

⁹ Do inglês *lead*, refere-se à primeira parte do texto jornalístico. Tem como finalidade destacar informações básicas da notícia. Disponível em: <https://academiadojornalista.com.br/producao-de-texto-jornalístico/como-fazer-um-bom-lide-jornalístico-com-4-dicas/>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

público sem que imponha sua opinião de maneira brusca e agressiva, deixando a reflexão, a análise e as críticas para os espectadores.

3 A TELEVISÃO NO BRASIL

Este capítulo é dedicado à história da televisão, bem como às influências socioculturais e políticas que interferiram direta e indiretamente no seu desenvolvimento. São abordados conceitos como categorias, gêneros e formatos e a relação entre eles. Este histórico da televisão, em especial no Brasil, busca analisar, também, a linguagem que se transformou ao longo dos anos. Como base deste texto, a pesquisadora utilizou o livro *História da Televisão Brasileira*, de Sérgio Mattos (2010), que contou a história da TV em 7 fases, como já mencionadas no Capítulo 2, a fim de simplificar a compreensão histórica.

3.1 HISTÓRIA E PERSPECTIVAS

Inaugurada oficialmente em 18 de setembro de 1950, a televisão foi trazida ao Brasil pelo empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, como já citado no Capítulo 2 desta monografia. Aí se iniciou a primeira fase da televisão brasileira, chamada por Mattos (2010) de elitista, pois os aparelhos televisores eram considerados artigo de luxo. Apenas pessoas com poder econômico tinham condições de comprá-los

Mattos (2010) lembra que o noticiário da época considerou a televisão “um novo e poderoso instrumento”; já o povo fez piadas com a nova tecnologia, dizendo que “casais deviam evitar cenas mais íntimas quando na frente do televisor ‘porque o homem que estava dentro da máquina podia ver todas as pessoas dentro de suas respectivas casas’” (MATTOS, 2010, p. 86, grifos do autor). Paternostro (1999) afirma que a informação visual e a imagem em movimento foram os diferenciais para que a televisão pudesse competir com o rádio.

Os primeiros televisores de São Paulo chegaram ao Brasil por meio de contrabando, Assis Chateaubriand ordenou que 200 aparelhos fossem importados de forma ilegal para que chegassem a tempo de transmitir as primeiras imagens produzidas. A TV Tupi então distribuiu os aparelhos “em lojas e bares, além do saguão dos Diários Associados, onde uma multidão ficou esperando pra ver a novidade” (MATTOS, 2010, p. 86). No começo, a TV Tupi, tanto de São Paulo

quanto do Rio de Janeiro, sofreu com a falta de recursos e de pessoal e teve de improvisar para se manter no ar.

Naquela época, o preço de um televisor era pouco abaixo do valor de um carro, até porque não havia a produção de nem sequer uma peça em território brasileiro; tudo era importado dos Estados Unidos. Somente no ano seguinte, em 1951, graças à marca *Invictus*, é que os televisores passaram a ser produzidos em solo brasileiro. Em 1952, foi ao ar pela primeira vez um dos telejornais mais famosos. O Repórter Esso levava o nome de seu patrocinador e foi “adaptado pela Tupi Rio de um rádio jornal de grande sucesso transmitido pela United Press International” (MATTOS, 2010, p. 90). A Tupi recebia o programa pronto de uma agência de publicidade.

Anos mais tarde, em 1962, foi criado o Código Brasileiro de Telecomunicações, aprovado pelo Congresso Nacional em 27 de agosto. Como afirma Mattos (2010), na verdade, o código foi um projeto de “inspiração militar, plenamente identificado com as teses de integração nacional, segurança e desenvolvimento pregadas na ESG”¹⁰ (PRIOLLI, apud MATTOS, 2010, p. 92). Em 1963, foi promulgado um decreto que regulamentou a programação ao vivo.

O ano de 1964 marcou o fim da fase elitista e o começo da fase populista, que durou até 1975. Além disso, 1964 também foi um ano marcante para a política, pois o Brasil sofreu um Golpe Militar. Com a deposição do então presidente João Goulart, os meios de comunicação de massa foram afetados diretamente. Como afirma Mattos (2010, p. 95), “o sistema político e a situação socioeconômica do país foram totalmente modificados pela definição e adoção de um modelo econômico para o desenvolvimento nacional”.

A Ditadura Militar, já abordada anteriormente, no capítulo sobre o Jornalismo, tinha como estratégia, além dos avanços tecnológicos que auxiliavam a veicular sua ideologia, a produção de bens duráveis e não duráveis. A partir daí, as indústrias passaram a produzir diversos aparelhos de TV para atender ao crescente mercado interno. Para Mattos (2010), os governos militares (1964-1985) foram muito importantes para o desenvolvimento tecnológico da televisão brasileira.

¹⁰ Criada em 1949, a Escola Superior de Guerra (ESG) é um Instituto de Altos Estudos de Política, Estratégia e Defesa, integrante da estrutura do Ministério da Defesa. Disponível em: <https://www.esg.br/a-esg/apresentacao>. Acesso em: 29 de abril de 2019

Juntamente à censura imposta, o artigo 160 da Constituição Federal de 1964 não permitia que instituições internacionais tivessem algum tipo de controle sobre os meios de comunicação do Brasil. De acordo com Mattos (2010), mesmo com essa regra, a Rede Globo fechou uma parceria com o grupo norte-americano Time-Life, que prestou suporte técnico e financeiro à emissora. Em contrapartida, a empresa estrangeira recebia 45% dos lucros da Globo. Ainda segundo Mattos (2010), aqueles que apoiavam, de alguma forma, as políticas governamentais, também eram favorecidos, obtendo concessão de equipamentos e benefícios disponibilizados ilegalmente.

“A criação do Ministério das Comunicações, em 1967, contribuiu para a implantação de importantes mudanças estruturais no setor das telecomunicações” (MATTOS, 2010, p. 96). Além disso, também reduziu-se a interferência de organizações privadas sobre as agências reguladoras, facilitando a introdução da política da época nos meios de comunicação.

Apesar do grande avanço tecnológico, a censura adotada pelos governantes pós-64, como intitula Mattos (2010), resultou no baixo nível de produção de programas de televisão locais. O Estado começou a desenvolver e estabelecer agências reguladoras, para que as emissoras de TV não transmitissem conteúdo que não tivesse ligação com o Governo. Em 1967, foi criado o Ato Institucional nº 4, que determinou que pessoas jurídicas e estrangeiras não poderiam estabelecer sociedades nas empresas de radiodifusão.

A partir do ano seguinte até 1979, os meios de comunicação passaram a operar sob as restrições do Ato Institucional nº 5, que concedia ao poder Executivo federal o direito de censurar os conteúdos apresentados, bem como de estimular a autocensura, para que os veículos cuidassem dos materiais que eram transmitidos, no sentido de que não fossem enquadrados na Lei de Segurança Nacional.

Como já mencionado anteriormente neste capítulo, é impossível negar os grandes avanços da televisão, em termos de tecnologia, durante os anos de governo militar. Ainda na segunda fase de desenvolvimento, foi feita a primeira transmissão em cores no Brasil. Ela ocorreu em 1972, durante o desfile da Festa Nacional da Uva, em Caxias do Sul, fato lembrado, também, no capítulo 2 deste trabalho.

Na terceira fase de Mattos (2010), a de desenvolvimento tecnológico (1975-1985), a ditadura ainda era uma realidade e as emissoras continuavam enfrentando

a censura. Os anos 1970 foram decisivos para o avanço da televisão e seu progresso de forma rápida a tornou ainda mais poderosa.

Somente na década de 1970 os militares atentaram para a influência dos programas veiculados sobre a população. Afinal, durante a fase populista, os governos se preocuparam apenas com a expansão tecnológica, sendo deixados de lado os conteúdos transmitidos, que passavam pelas agências controladoras.

Lebrada continuamente das suas responsabilidades para com a cultura e o desenvolvimento nacional, a televisão começou a nacionalizar seus programas. Esse processo de nacionalização contou com o apoio do governo que queria substituir a violência dos 'enlatados' americanos por programas mais amenos. (MATTOS, 2010, p. 113, grifos do autor)

Mattos (2010) lembra que tais mudanças foram viabilizadas por créditos concedidos por bancos oficiais, isenções fiscais, coproduções de órgãos oficiais com emissoras comerciais. A orientação governamental iniciada no Governo Médici, seguida da gestão de Geisel, levaram a televisão para a terceira fase, quando se desenvolveram as grandes redes, como a Globo, que começou a competir no mercado internacional, exportando suas novelas e musicais. Em 1976, ela já produzia 75% do conteúdo transmitido. O primeiro programa da Rede Globo que obteve aceitação relevante no exterior foi a novela *O bem amado*, vendida já dublada em espanhol a diversos países latino-americanos e para Portugal, na versão original.

Em 1978, o então presidente Geisel tomou uma importante decisão para o desenvolvimento em termos de conteúdo televisivo: ele revogou o AI 5. Na década seguinte, em 1980, a TV brasileira estava sentindo as influências norte-americanas baixarem, afinal, tinha a capacidade de produzir seus próprios conteúdos, substituindo os importados. Mattos (2010) lembra que a indústria brasileira também desenvolveu seu próprio formato e tecnologia de produção, contribuindo para a independência em relação aos Estados Unidos.

Nessa fase, foi possível observar a competição entre as grandes redes, contribuindo para o avanço em direção ao mercado internacional. É importante destacar que, cada vez mais, as emissoras brasileiras exportavam conteúdo e se tornavam menos dependentes das produções norte-americanas. Mattos (2010) diz também que durante essa fase, a TV nacional atingiu certa maturidade técnica e

empresarial, deixando as produções estrangeiras de lado, completando a grade de programação com reprises de sucessos inteiramente nacionais.

O fascínio pela televisão se deu, em grande parte, pelos produtos que faziam o público experimentar sentimentos novos.

A característica principal dos produtos de televisão é que eles seduzem, fascinam e absorvem não só pelos conteúdos [...] mas também pela sua estrutura. São produtos monopolistas, pois estabelecem no mundo inteiro as mesmas coordenadas, feitas segundo uma matriz, uma espécie de fôrma para fabricação de programas. (MARCONDES FILHO, 1988, p. 40)

Segundo Mattos (2010, p. 121), esta fase de desenvolvimento da televisão se caracterizou “pela padronização da programação televisiva em todo o país e pela solidificação do conceito de rede de televisão”. Em 1981 foi a vez da rede de emissoras de televisão de Sílvio Santos, o Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, iniciar seu trabalho. A partir daí, em 1982, o videocassete¹¹ fez sucesso, aumentando a produção doméstica independente de vídeo.

Ao final dessa etapa, já havia sete redes comerciais operando. Mattos (2010, p. 123) afirma que o fim da terceira fase também foi marcado pelo movimento Diretas-Já, em 1984, “quando no mês de abril mais de um milhão de pessoas foram às ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro com o objetivo de pressionar o governo pelo fim do regime de exceção e a realização de eleições”.

Transição e expansão internacional é como Mattos (2010) chamou a quarta fase de desenvolvimento da TV, que abrange de 1985 a 1990. Nesse período, a televisão enfrentou o fim do regime militar e o começo do regime civil. Grandes mudanças ocorreram, começando pela promulgação da Constituição de 1988, que contém um texto específico sobre a comunicação social.

No artigo 220, a Carta afirma que a manifestação do pensamento não sofrerá qualquer restrição e, nos parágrafos 1º e 2º, veda, totalmente, a censura, impedindo, inclusive, a existência de qualquer dispositivo legal que “possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística, em qualquer veículo de comunicação social”. (MATTOS, 2010, p. 124, grifos do autor)

¹¹ Aparelho eletrônico capaz de gravar e reproduzir imagens que são registradas em fitas magnéticas. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/videocassete>. Acesso em 29 de abril de 2019.

Ainda neste artigo, no parágrafo 5º, fica proibida a criação de monopólio ou oligopólio nos meios de comunicação social. Além disso, o documento também impõe algumas regras à produção e programação das emissoras de rádio e televisão. Segundo Mattos (2010, p. 124), o artigo 221 diz que as emissoras “devem promover programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”, estimulando a produção independente e a divulgação da cultura nacional e regional. Esses programas televisivos diferenciados chamaram a atenção do público por ser de um formato totalmente novo, com uma linguagem diferente.

A televisão fascina por outros meios e de maneira mais perspicaz que as demais formas de comunicação: ela introduz uma linguagem diferente, que primeiro atrai o receptor, para depois ser incorporada por ele. Nessa medida, ela muda completamente – através de um fato técnico, de sua linguagem – os hábitos de recepção e de percepção da sociedade e da cultura. (MARCONDES FILHO, 1988, p. 37)

Este poder e fascínio da televisão influencia, e muito, os brasileiros. Este fato pôde ser comprovado durante a primeira eleição presidencial pelo voto popular. Como lembra Mattos (2010), os partidos políticos usaram o horário gratuito na televisão para divulgar as propostas em exibições produzidas em agências de publicidade. Os debates televisionados também foram destaque, atingindo altos índices de audiência e influenciando diretamente o resultado das eleições, vencidas por Fernando Collor de Mello e Itamar Franco.

No seu mandato, Collor reduziu os 23 ministérios existentes para apenas 11, sendo que um dos excluídos foi o Ministério das Comunicações, transformado em Secretaria Nacional das Comunicações, integrada ao Ministério da Infraestrutura. No começo, Collor tomou decisões, de certo modo, liberalizantes, eliminando de vez os últimos resquícios de censura. Apesar disso, uma portaria do ministro Jarbas Passarinho, que regulamentava a “classificação de idades e horários para transmissão de certos programas de televisão” foi vista de forma negativa pela imprensa, que afirmava ser um ato de censura (MATTOS, 2010, p. 129).

Em 1992, ainda segundo o autor, o então presidente Fernando Collor sofreu o processo de *impeachment*, assumindo o governo seu vice, Itamar Franco. Na década de 1990, as bases para o surgimento da televisão por assinatura começaram a se estabelecer, via cabo ou via satélite, baseada nos moldes norte-americanos.

Aí iniciava-se a quinta fase de desenvolvimento, chamada de globalização e TV paga (1990-2000). Logo no começo, em 1990, houve um grande crescimento na produção de vídeo cassete. Logo após, em 1992, estreou o programa *Você decide*, na Rede Globo, que se tornou um sucesso assim que foi ao ar, pois era possível a participação do público por meio de votação por telefone ou em praça pública para escolher o desfecho das histórias encenadas. Tamanho foi o sucesso, que a emissora passou a vender o formato do programa, sem o conteúdo pronto e editado. Poucos anos depois, “a Rede Globo de Televisão inaugurou oficialmente o Projac, maior centro de produção da América Latina, construído em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro” (MATTOS, 2010, p. 133). O autor cita, também, a inauguração da nova sede da rede de televisão de Sílvio Santos, o Complexo Anhanguera, ocupando uma área de 210 mil metros quadrados, praticamente o dobro dos estúdios da Globo.

Eleito em 1994, Fernando Henrique Cardoso já promoveu melhorias no primeiro ano de mandato. Uma delas foi retomar o Ministério das Comunicações. Mattos (2010) lembra que entre 1995 e 1996, este ministério adotou uma série de medidas para dotar o país de uma infraestrutura e de serviços de comunicação adequados para as necessidades. Daí em diante, a televisão e a radiodifusão se tornaram prioridades do Governo.

De acordo com a Anatel, em 1998 existiam em funcionamento no país 263 emissoras geradoras e 3747 retransmissoras. Em julho de 2000, estes números cresceram para 286 geradores e 8484 retransmissoras. As grandes redes de televisão, formadas pela Rede Globo, SBT, Bandeirantes, Manchete, Record e Central Nacional de Televisão (CNT), atendem a mais de 97% da audiência total, ficando o restante distribuído entre as emissoras educativas, e as segmentadas tais como a MTV, Rede Mulher, Rede Vida etc. (MATTOS, 2010, p. 136)

Nessa época, já estavam em funcionamento no país seis operadoras de televisão por assinatura. Enquanto em países como os Estados Unidos a TV por assinatura já detinha mais mercado do que a TV aberta, no Brasil o número de assinantes se estabilizou em cerca de 2,9 milhões. Hoje, aproximadamente 20 anos depois, esse número está em 17,9 milhões de assinantes. Segundo Mattos (2010), ainda em 1998 já era possível prever a queda de audiência da TV aberta, bem como o rebaixamento na qualidade dos produtos apresentados. Com receio de perder audiência, a TV aberta passou a apelar, utilizando-se de programas popularescos.

Mattos (2010) cita o Programa do Ratinho. Este programa de auditório surgiu em 1992, no SBT, canal em que é transmitido até hoje.

Sodré e Paiva (2002) falam que o conceito de popularesco é a junção de popular com grotesco e que é um fenômeno ligado ao mau gosto. O objetivo é provocar diversas sensações no telespectador, como medo, espanto, nojo e, por fim, o riso. Os autores citam que “a fórmula - desfile de conflitos familiares, brigas de vizinhos, confissões de pequenos criminosos e viciados [...], aberrações diversas - seria retomada com sucesso na segunda metade dos anos 90 por programas como Ratinho e Leão” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 116, grifos dos autores).

Devido à baixa qualidade dos conteúdos apresentados na televisão, em fevereiro de 1999, “a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – Abert, aprovou a criação de um comitê ‘independente’ para julgar e multar emissoras de TV” (MATTOS, 2010, p. 146, grifos do autor). É possível afirmar que a televisão por assinatura foi decisiva na mudança de perfil do veículo, que sofreu diversas transformações.

Com mais tecnologia e visando o avanço ainda maior da televisão, em 2000 iniciou-se a fase de convergência e qualidade digital. Mattos (2010) diz que, no começo do século, foi anunciada a criação da Web TV, que era um processador acoplado a um televisor, dotando-o de certa inteligência. Com isso, o telespectador poderia comprar algum produto ou pesquisar e assistir algo no exato momento em que era oferecido na tela. Essa convergência entre a televisão e a internet, aos poucos foi se fortificando. Junto a isso, chegou a possibilidade de mudança do sistema, de analógico para digital. Segundo Mattos (2010, p. 162), “os primeiros testes visando a implantação da imagem de alta definição no Brasil, foram realizados entre setembro de 1999 e março de 2000”, na cidade de São Paulo. A previsão era que demorasse de dez a 15 anos, para que o país todo tivesse acesso à imagem digital. Em janeiro de 2019 foi concluída a primeira fase da transição, A nova previsão do desligamento total do sinal analógico ficou para 2023.

O Brasil adotou o padrão de transmissão digital SBTVD-T, Sistema Brasileiro de TV Digital Terrestre. Mattos (2010) explica que esse sistema foi escolhido por ter custo mais baixo e maior facilidade na transferência de tecnologia e mobilidade. Desde então, ocorre a convergência entre a televisão digital com outras áreas digitais, como define Mattos (2010). Cabe ressaltar que o sistema digital implantado

se refere à transmissão e à recepção, sendo que a Televisão Digital Brasileira passou a atrair olhares mais atentos dos estudiosos próximo ao final da fase.

A partir de 2010 iniciou-se a chamada fase da portabilidade, mobilidade e interatividade, contemplando a convergência midiática apresentada na fase anterior acrescida dos avanços tecnológicos. Mattos (2010, p. 174) diz que “a convergência permitiu uma mudança na relação entre as redes de produtores e transmissores de conteúdos com os prestadores de serviços”. As redes, que prestavam suporte em apenas um serviço, passaram a oferecer mais de um serviço.

Por meio do computador é possível receber e editar conteúdo. O telefone celular é capaz de transmitir e receber mensagens. Além disso, com ele pode-se acessar a internet, ouvir emissoras de rádio, assistir programas de televisão, entre outras facilidades. Mattos (2010) explica que o usuário pode romper alguns paradigmas da comunicação, assumindo papel de receptor, transmissor e fonte de informações. A decisão definitiva sobre o padrão digital estabelecido no Brasil foi muito debatida e a disputa entre empresas radiodifusoras e de telecomunicações polarizou o debate em torno da questão da mobilidade e na demanda por conteúdos originais para cada mídia, o que deve permitir, pelo menos em certa medida, a interatividade com o público.

3.2 TELEJORNALISMO

A televisão trouxe muitos avanços para o jornalismo, porém também vieram responsabilidades ainda maiores. Curado (2002) diz que a linguagem na TV é diferente do que em outros meios, assim como o tempo e o ritmo. Para a autora, a primeira regra que deve ser levada em conta pelo telejornalismo é a clareza, seguida pela precisão e pela imparcialidade, entendida pela autora como o esforço para relatar o fato, sem interferir nele de alguma forma.

Curado (2002, p. 20) ressalta: “a informação precisa chegar a seu destino sem tropeços”, referindo-se à clareza. As notícias precisam informar sem deixar dúvidas no telespectador. A precisão é mais trabalhosa. Segundo a autora, é necessário identificar a origem da informação, o que vai auxiliar no grau de importância dos fatos e sua confiabilidade. Como ela coloca: “pela fonte conhecemos a qualidade da água” (CURADO, 2002, p. 20). Já a imparcialidade é

obtida com a investigação e a apresentação dos acontecimentos, sem opiniões a respeito deles. Ressalta-se que “cabe à reportagem apresentar dados e não facilmente confrontar opiniões na ilusória e ineficiente demonstração de imparcialidade”. Curado (2002, p. 22) afirma que “a verdadeira manifestação se produz com fatos e não apenas com palavras”.

Para melhor explicar o funcionamento do texto no telejornalismo, Paternostro (1999) elencou características estruturais. Para esta pesquisa, os mais relevantes são:

- a) Informação visual: aquela que é capaz de informar as pessoas, sem importar, por exemplo, o idioma do receptor. A imagem aparece na televisão, o telespectador vê e já está se informando e ampliando seu conhecimento;
- b) Alcance: a TV é um veículo abrangente, atinge toda a população. Não distingue classe social ou econômica, portanto, o telejornalismo deve levar em conta a forma como tratar cada assunto, já que cada receptor interpreta do seu jeito;
- c) Envolvimento: “há no telejornalismo a forma pessoal de ‘contar’ notícia e a familiaridade com repórteres e apresentadores, que seduzem e atraem os telespectadores” (PATERNOSTRO, 1999, p. 65, grifos da autora). A autora afirma que a TV tem o poder do fascínio sobre a população, permitindo que a pessoa se transporte para “dentro” de suas histórias;
- d) Superficialidade: o ritmo da televisão pode fazer com que as matérias não sejam aprofundadas. Paternostro (1999) cita os altos custos de transmissão, compromissos comerciais e a briga pela audiência como possíveis fatores da superficialidade. Ela fala ainda que “há programas específicos de maior densidade jornalística” (PATERNOSTRO, 1999, p. 65), como as grandes reportagens, por exemplo, já mencionadas no capítulo 2 deste trabalho.

No jornalismo na TV, a imagem fornece um suporte para a informação que está sendo transmitida. Algumas vezes, ela chega a dispensar o texto do repórter. Porém, Curado (2002) afirma que não é muito comum a imagem não precisar de um texto. Na maioria das vezes, algo precisa ser dito, porém, de forma curta e clara, como já mencionado.

Relacionadas às características elencadas por Paternostro (1999), estão as regras de escrita e dicas de como portar-se em frente à câmera, exploradas por Curado (2002). A autora lista uma série de exemplos de frases que devem ser

evitadas no telejornalismo, como, por exemplo, utilizar os clichês “era uma vez”, “acredite ou não” ou então, “agora é oficial”.

Ainda sobre o texto na televisão, Curado (2002) afirma que o jornalista deve falar de forma “forte”, sem exageros, mas colocar vontade, principalmente nas primeiras palavras, pois elas dão o tom da reportagem. Entre as dicas, também está a de ler e entender o que escreveu: “se tem alguma coisa que não entende, exclua do texto. Não transplantar texto, frases de outros, cujo significado não compreende” (CURADO, 2002, p. 125).

Além disso, também é importante pontuar os principais fatos, pois, segundo Curado (2002), isso auxilia a selecionar a ordem em que as informações serão apresentadas na notícia. Lembra-se que o texto deve ser redigido como se fosse para uma pessoa, não para milhares, para ficar mais próximo do telespectador. A autora ainda conclui, falando que o estilo vem da prática de escrever, uma maneira original que identifica o autor. “A meta do jornalista é comunicar com clareza. O estilo se adquire com muito exercício e humildade diante das regras” (CURADO, 2002, p 127).

Tendo ciência disso, é preciso “encaixar” os programas dentro da grade de programação. Ela serve para que se estabeleça uma ordem de apresentação, sem que os conteúdos sejam transmitidos aleatoriamente. Apesar disso, está cada vez mais difícil classificar os programas na televisão.

3.2.1 Categorias, gêneros e formatos da televisão brasileira

Dentro da grade de programação existem categorias que dividem os programas transmitidos. O autor José Carlos Aronchi de Souza (2004, p. 37) fala que “a divisão dos programas em categorias inicia o processo de identificação do produto, seguindo o conceito industrial assumido pelo mercado de produção”. Segundo Marques de Melo (apud Souza, 2004), são três as categorias que abrangem a maioria dos gêneros: entretenimento, informativo e educativo. Souza (2004) acrescenta duas categorias à lista: especiais e outros.

As categorias estão diretamente ligadas aos gêneros. Pode-se entender que categoria é um grupo de gêneros. E, de acordo com Souza (2004), gênero é o agrupamento de diversos formatos de programas. Para o autor, pode-se entender gênero como ordem. Um telejornal, por exemplo, encaixa-se na categoria de

informação, porém, as reportagens podem variar quanto ao formato. Os programas esportivos pertencem à categoria entretenimento, mas, quando se trata de jornalismo esportivo, pode-se dizer que o formato é híbrido.

Para Souza, um formato associa-se a um gênero. O autor faz uma analogia, afirmando que na biologia uma classe agrupa diversos gêneros, que, por sua vez, agrupam diversas espécies: “em televisão, vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria” (SOUZA, 2004, p. 45). Ainda segundo o autor, pode-se exemplificar cada categoria com seus gêneros da seguinte forma:

- a) Categoria entretenimento: programa de auditório, *talk show*, culinário, esportivo, filme, teledramaturgia.
- b) Categoria informação: telejornal, debate, entrevista.
- c) Categoria educação: educativo.
- d) Categoria especiais: musicais e minisséries.
- e) Categoria outros: *teleshopping*, religioso e político.

As reportagens telejornalísticas esportivas, por exemplo, podem abranger, em seu conteúdo, informação e entretenimento. Para uma melhor definição dos programas que unem essas categorias, criou-se o termo infotenimento. Como expõe Dejavitte (2006), esse termo surgiu ainda na década de 1980, porém, só ganhou força na década de 1990, quando começou a ser usado por profissionais e estudantes da área da comunicação, para classificar o jornalismo que, além de informação, também era capaz de divertir o público. Segundo a autora, esse termo resume bem o papel do jornalismo de entreter, além de informar. Ele expõe o conteúdo que reúne informação e diversão.

A partir daí, diversos programas passaram a ser classificados como infotenimento. Um exemplo são os programas esportivos, que apresentam competições que proporcionam momentos de lazer e entretenimento ao mesmo tempo em que transmitem informações sobre os esportes televisionados.

A editoria de Esporte no seu todo é infotenimento, mas infotenimento não quer dizer emburrecimento. Nem quer dizer que não está se lidando com coisas sérias. Para o leitor, telespectador ou usuário, segundo pesquisas, entretenimento não é antônimo de informação. Para ele, o contrário de informação é aquela notícia que não atrai. Uma notícia sobre corrupção na CBF, na confederação de tênis, no Comitê Olímpico, e assim sucessivamente, é importante para a editoria de Esporte e, dentro do infotenimento, é um conteúdo a ser tratado. Lógico que nesse tipo de notícia

vai ser trabalhada muito mais a informação do que o entretenimento. Info é de interesse público, e o entretenimento é interesse do público. Temos de buscar o equilíbrio. (PADEIRO apud DEJAVITE, 2014, p.8)

Atualmente, o jornalismo esportivo conta com mais de 15 canais por assinatura, sem mencionar que está presente em praticamente toda a TV aberta. Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística Kantar IBOPE Media¹², em 2018, o canal SporTV estava entre os três mais assistidos na televisão por assinatura. Entre os 30 canais com maior audiência, quatro eram esportivos. Considerando que cada ponto corresponde a cerca de 240 mil domicílios, juntos, os canais de esporte tiveram mais de 200 mil aparelhos de TV sintonizados. Claro que a grande maioria ainda tem o foco principal no futebol, porém, grandes competições esportivas como os Jogos Olímpicos e os Pan-Americanos, que vêm despertando o interesse do público, também estão ganhando espaço na televisão.

¹² Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/oops/2018/10/16/tv-paga-veja-ranking-dos-30-canais-mais-vistos-no-pais-em-setembro.htm>. Acesso em: 1º de maio de 2019.

4 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

O capítulo é dedicado à história do jornalismo esportivo, bem como sua ascensão nos veículos de comunicação. Além disso, também é abordada a inclusão social por meio do esporte, como forma de superação. Para a estrutura principal do capítulo, a pesquisadora utilizou como base o livro *Jornalismo Esportivo*, de Paulo Vinicius Coelho (2004), que faz um resgate histórico, relacionando este gênero com a popularização do esporte no Brasil.

4.1 HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

O jornalismo esportivo, como uma nova editoria nos meios de comunicação, em especial nos jornais, começou em meio ao preconceito. O futebol chegou ao Brasil na mesma época em que o jornalismo esportivo estava se desenvolvendo. Tanto o esporte quanto o gênero jornalístico sofreram fortes críticas, inclusive por escritores renomados, como Graciliano Ramos, que não acreditava que o esporte teria o destaque de uma capa de jornal algum dia. Segundo Leandro (2005), se duvidava que o futebol merecesse tanto espaço nos jornais. Naquela época, o esporte mais popular era o remo, e as pessoas estranharam a ideia de que um esporte estrangeiro, como o futebol, pudesse estampar páginas de jornais. O jornalismo esportivo seguiu assim por alguns anos.

O primeiro diário exclusivamente sobre esporte surgiu em 1930, no Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports*. Segundo Coelho (2004), os jornais ainda precisaram superar o preconceito de que esse tipo de diário só seria consumido por pessoas de menor poder aquisitivo. Dessa forma, diversos jornais foram surgindo e desaparecendo, e mesmo aqueles que narraram grandes conquistas brasileiras não conseguiram se firmar no mercado jornalístico. Antes disso, em 1920, foi ao ar a primeira transmissão esportiva, como conta Guerra (2000).

Com o remo sendo deixado de lado e a popularidade do futebol crescendo, já era possível notar o jornalismo esportivo nos jornais, porém, mesmo assim, em proporções muito menores do que outras editorias. A Seleção Brasileira realizou o primeiro jogo em 1914, obtendo resultado positivo de 4x0 sobre o Exeter City, time inglês. No começo dos anos 1940, o futebol passou a ter mais espaços, contando

com relatos apaixonados, como, por exemplo, dos colunistas Mário Filho e Nelson Rodrigues, como lembra Coelho (2004).

O primeiro programa esportivo foi transmitido pela TV Record, em 1953. Era uma “Mesa Redonda”, apresentada por Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara. Eles transmitiam, ao vivo, as partidas de futebol e informações ligadas ao esporte. Assim como o primeiro telejornal, este programa já era comum em rádio e foi adaptado para a TV.

O autor fala ainda que no Brasil, na década de 1970, havia apenas uma revista esportiva com vida regular, enquanto que em países como Itália e Argentina lançaram-se exemplares de revistas exclusivas de esporte ainda em 1920. “De todo o jeito, a partir da segunda metade dos anos 60, com cadernos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão” (COELHO, 2004, p. 10).

Guerra (2000) diz que a popularidade do esporte deu início ao surgimento de novos profissionais, como os comentaristas. Coelho (2004, p. 37) defende que “não existe jornalista de esportes. Existe jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades”. Porém, ainda de acordo com ele, é válida a profissionalização em áreas específicas, pois ela torna o jornalista mais preparado.

Só a partir da década de 1980 é que o jornalismo esportivo começou a se tornar mais parecido com o que é hoje. Com a transmissão dos jogos ao vivo, os jornalistas passaram a redigir textos sobre os fatos da forma como eles aconteciam. Até então, os jogos eram narrados de maneira exagerada, inclusive com algumas “invenções” para dar mais emoção ao torcedor. Além do futebol, outros esportes também ganharam destaque com a televisão, como o vôlei e o basquete.

Os profissionais, por sua vez, precisaram se especializar para acompanhar as adaptações do jornalismo. O esporte, principalmente o futebol, dificilmente passa despercebido, pois está presente na maioria dos veículos de comunicação Coelho (2004). Na década de 1990, a imprensa noticiou diversos acontecimentos envolvendo a Seleção Brasileira de Futebol e seus jogadores.

Nos anos 2000, com a internet disponível a toda a população, como já mencionado no Capítulo 2 deste trabalho, foram criados diversos sites que buscavam profissionais nas redações para alimentar as redes. Coelho (2004) diz que parecia que tudo seria resolvido e o jornalismo esportivo se tornaria uma

profissão corretamente remunerada. Porém, essa “alegria” durou pouco mais de um ano. Em 2001, vários dos sites anunciaram falência. Em 2002, a ordem foi retomada. Coelho (2004) diz que seguiu no ramo do jornalismo esportivo apenas quem continuou investindo, que são os mesmos até hoje: “bons profissionais deixaram o mercado e têm dificuldade para retornar. Alguns desistiram” (COELHO, 2004, p. 61).

Assim como o jornalismo em geral, a seção dos esportes tem sua responsabilidade para com a sociedade. O meio esportivo é muito visado por empresas de publicidade, times e marcas, que investem muito dinheiro para se promover, tanto nos eventos quanto nos veículos de comunicação. Porém, a pressão imposta pelos patrocinadores não pode interferir no trabalho do jornalista, que deve prezar o conteúdo dos acontecimentos.

4.2 INCLUSÃO SOCIAL E A PRÁTICA ESPORTIVA

O Serviço Social é a profissão que mais se aproxima da realidade de desigualdade social e econômica, estudando não apenas como combater essa disparidade, mas, sim, a sua origem e como ela faz vítimas ao longo do tempo. O jornalismo conta as histórias que são vividas pelo assistente social em sua intermediação com a realidade.

Aliado ao assistente social, o jornalista serve como mediador, podendo auxiliar na luta pela garantia dos direitos do cidadão, informando a população. Ele é a ligação entre a fonte e o telespectador e tem muita responsabilidade sobre aquilo que é transmitido, afinal, forma opiniões e difunde ideias entre as pessoas. Como citado no capítulo 2 desta monografia, são necessários alguns princípios para entender o real papel do jornalista na sociedade. Relembrando o princípio da veracidade, pode-se afirmar que o profissional deve mostrar tudo que tem relação com a vida das pessoas, da forma mais clara, direta e “verdadeira” possível, ouvindo todos os lados que tenham relação com o assunto de sua pauta.

O jornalista fica encarregado de dosar a informação e os sentimentos a respeito dos assuntos noticiados para que não prejudique o entendimento da notícia. Mas, vale lembrar que o esporte é um meio que envolve muita publicidade e patrocínio, o que pode interferir na cobertura do repórter.

O Serviço Social tem na questão social a base de sua fundação como especialização de trabalho. Questão social apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade. (IAMAMOTO, 2007, p. 27)

Um exemplo é globalização da produção. Hoje, é possível ter acesso a produtos com componentes produzidos em diferentes países do mundo, o que caracteriza o trabalho cada vez mais coletivo, porém, às vezes, o lucro da comercialização desses produtos está concentrado em poucas mãos. Assim acontece a desigual distribuição da riqueza entre grupos e classes sociais.

Como uma saída para essa situação de desigualdade, os jovens enxergam nos esportes, principalmente no futebol, a chance de conseguir condições melhores de vida. É desse modo que o esporte enquadra-se como uma forma de inclusão, pois coloca o indivíduo como um cidadão comum, podendo competir com os demais, sem levar em conta sua condição econômica. Na essência do esporte, o que vale é o talento e a dedicação, sem importar as condições financeiras e sociais de cada praticante. Diversas histórias de atletas famosos inspiram os jovens, não apenas brasileiros, mas de todo o mundo.

É muito comum o jornalismo esportivo retratar esses “cases” de sucesso para mostrar que o esporte é, sim, uma saída para alcançar, não apenas dinheiro e reconhecimento, mas também uma vida sem tanto sofrimento. Muitos atletas que hoje brilham nas equipes brasileiras, de diversas modalidades esportivas, saíram de comunidades carentes, sendo que dificilmente teriam acesso a certas oportunidades, não fosse pelo esporte.

O esporte é considerado um fenômeno sócio-cultural, de dimensão social incontestável e, através dos meios de comunicação, pode-se constatar que o esporte tem ocupado, mundialmente, uma posição bastante destacada. Os canais internacionais, especialmente os que se dedicam exclusivamente ao esporte, mostram que a área está organizada e, deste modo, tem merecido um enfoque informativo altamente especializado. (TAMBUCCI, 1997, p. 11)

Dessa forma, é possível afirmar que o jornalismo esportivo é benéfico tanto para os atletas, que buscam o seu reconhecimento, quanto para o público, que se mantém informado por meio de reportagens mais descontraídas. Pereira (1980)

afirma que o público busca uma forma de se distrair e esquecer os problemas cotidianos. “E o esforço da TV para concentrar a atenção dos telespectadores no esporte vendeu muito bem em termos de audiência” (CAPARELLI, 2004, p. 157). Sendo assim, os programas esportivos passaram a competir entre si.

Para Athayde et al.¹³ (2016, p. 498), durante os Jogos Olímpicos realizados no Rio de Janeiro, em 2016, “o fenômeno esportivo foi acometido pelos processos de mercantilização e espetacularização, que o condicionaram às determinações mercadológicas”. Dessa forma, o esporte se desvinculou da ideia de que é um direito garantido a todos os cidadãos e passou a ser mais um produto para se comercializar.

O Estatuto da Criança e do Adolescente¹⁴ (p. 44), no Art. 59, diz que “os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”. Essa garantia de acesso a atividades em sociedade pode ser considerada como uma forma de inclusão social. O esporte, portanto, encontra-se em uma linha divisória entre um bem social e seu viés mercadológico.

¹³ ATHAYDE, Pedro et al. O Esporte como Direito de Cidadania. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, p.490-501, abr. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/download/34049/pdf/>>. Acesso em 20 de abril de 2019.

¹⁴ PAIM, Paulo. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 2018.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, foram utilizados os conceitos anteriormente apresentados, bem como a apresentação detalhada de cada reportagem objeto de estudo desta monografia, como citadas no Capítulo 1. O processo metodológico baseou-se em pesquisa bibliográfica e nas características da pesquisa qualitativa. Os métodos foram a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2000) e a Análise de Discurso já explicados neste trabalho. Conforme Bardin (2000), a Análise de Conteúdo é dividida em três partes: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência ou interpretação.

Segundo a autora, a primeira fase é a organização do material. Para esta fase, a pesquisadora assistiu as reportagens e selecionou trechos que julgou serem cruciais para o bom desenvolvimento da análise, com base nas categorias estabelecidas no Capítulo 1: os textos, ou seja, o que se fala; os sujeitos - quem fala; as entrelinhas do discurso e os valores de convivência.

A segunda fase é a exploração do material escolhido. Ela foi composta pela decupagem das cenas escolhidas na fase anterior. Na terceira fase encontra-se a análise dos resultados obtidos. A pesquisadora interpretou os elementos apresentados nas reportagens para entender como as matérias jornalísticas de televisão mostram o vínculo entre o esporte e a inclusão social.

As reportagens 1 e 3 estão decupadas por inteiro. Para a reportagem 2, foram selecionados alguns trechos, que, somados, resultam em aproximadamente três minutos, a fim de que todas as reportagens ficassem com o tempo aproximado para análise.

5.1 SINOPSE E DECUPAGEM

A sinopse consiste em um resumo de cada reportagem, contando o assunto, os personagens principais e o foco do material. A decupagem acontece quando se detalham os movimentos de câmera, os enquadramentos utilizados e as falas do repórter e dos entrevistados. Para a decupagem foram adotadas algumas estratégias a fim de destacar o que se pretendeu analisar:

- a) **Negrito:** palavras/expressões ditas com maior ênfase;

b) *Itálico*:imagens e enquadramentos;

Além disso, para que se compreenda melhor esta etapa, bem como a análise, faz-se necessário, também, listar alguns termos técnicos¹⁵ muito utilizados no Jornalismo:

- a) Plano aberto (*longshot*): a câmera está distante do objeto, de modo que ele ocupa uma parte pequena do cenário.
- b) Plano médio (*mediumshot*): a câmera está a uma distância média do objeto, de modo que ele ocupa uma parte considerável do ambiente, mas ainda tem espaço à sua volta.
- c) Plano de conjunto (PC): com um ângulo visual aberto, a câmera revela uma parte significativa do cenário à sua frente. A figura humana ocupa um espaço considerável na tela.
- d) Plano americano (PA): a câmera enquadra a figura humana do joelho para cima.
- e) Meio primeiro plano (MPP): a personagem é enquadrada da cintura para cima.
- f) Primeiríssimo plano (PPP): a personagem é enquadrada dos ombros para cima.
- g) *Close*: o rosto da personagem ocupa todo o espaço de câmera.
- h) Plano detalhe: a câmera enquadra alguma parte do corpo (boca, olhos, mãos, entre outros) ou algum objeto presente na cena.
- i) Passeio: câmera acompanha o movimento do personagem ou outra coisa que se mova, na mesma velocidade.
- j) Panorâmica: a câmera movimenta-se sobre seu eixo, para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda.
- k) *Contra-plongée*:quando a câmera está abaixo do nível dos olhos, voltada para cima.
- l) *Zoom*: câmera aproxima-se do objetivo (zoom in) ou afasta-se dele (zoom out).
- m) *Slowmotion*: cena em câmera lenta.
- n) *Background* (BG): deixar o som de fundo, com a fala em destaque.
- o) Sonora: entrevistas realizadas por repórteres para a TV.

¹⁵ Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em: 07 de junho de 2019.

- p) OFF: locução do repórter coberta por imagens.
- q) Passagem: gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações a serem usadas na matéria.
- r) *Roll*: movimento da tela de cima para baixo
- s) ('): minuto.
- t) ("): segundo.

5.1.1 Recordistas: projeto de inclusão facilita contato de crianças deficientes com o esporte¹⁶

A reportagem foi exibida no quadro Recordistas, do programa Esporte Fantástico. Ela aborda o trabalho do Instituto Rodrigo Mendes, que fica em São Paulo. Rodrigo ficou tetraplégico aos 18 anos devido a um acidente de carro e hoje é especialista em inclusão social. Ele mantém a instituição que atende crianças e adolescentes da rede municipal de ensino. Com foco em dois garotos, que nasceram com paralisia cerebral, a reportagem mostra como a prática esportiva pode impactar na vida desses jovens. As mães dos jovens contam que eles evoluíram com as atividades físicas e sonham em ser esportistas.

5.1.1.1 Decupagem

OFF

Trilha sonora instrumental de violão e gaita de boca

Diversas imagens em *slowmotion*, mostrando os alunos em sala de aula e no ginásio de esportes.

Zoom out do Rodrigo Mendes até um primeiro plano.

Imagens em *slowmotion* do Eric e, em seguida, do Mateus, sorrindo

- O Rodrigo sempre foi **apaixonado** por um esporte que esses dois garotinhos, o Eric e o Mateus, gostam **demais**.

Sonora com Rodrigo Mendes (especialista em inclusão social)

Meio primeiro plano em Rodrigo:

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YudGMbJK5TQ>. Acesso em 09 de junho de 2019.

- Era apaixonado por futebol, jogava...

OFF

Meio primeiro plano, enquadrando o Mateus e a mãe dele, ambos sorrindo.

- O Mateus.

Sonora com mãe do Mateus

- Nossa, ele adora futebol, ele fala que vai ser um jogador de futebol quando ele crescer, né?

OFF

Slowmotion na mãe do Eric, sorrindo para o garoto em plano médio.

- O Eric.

Sonora com mãe do Eric

Plano médio enquadrando os garotos e suas mães.

- Ele ama futebol, eu ainda falei "O Eric vai ser algum esportista", porque as Olimpíadas 'tá' aí, né? Ele chega em casa já querendo assistir.

OFF

Tela dividida verticalmente, com imagens do Eric e do Mateus sorrindo, durante as aulas.

Fotograma 1: Recordistas Eric e Mateus



Fonte: YouTube

Plano detalhe no sorriso do Rodrigo, imagem levemente em *slowmotion*.

Close nas mãos de Rodrigo.

Panorâmica na vertical até o rosto de Rodrigo.

- O Eric e o Mateus nasceram com **paralisia** cerebral. O Rodrigo ficou **tetraplégico** aos 18 anos, depois de um acidente de carro. Foi quando ele se aproximou do universo das pessoas **com deficiência**.

Volta sonora com Rodrigo Mendes (especialista em inclusão social)

Baixa a trilha.

Mudança na trilha, que vai de um som com batidas bem marcadas para uma música suave.

Sobe a trilha, aos poucos, até o fim da fala.

- E começou a me incomodar muito, né? O grau de injustiça, o grau de desigualdade que essas pessoas enfrentam ainda né?

OFF

Zoom out em Rodrigo até um primeiro plano.

Meio primeiro plano em Rodrigo, que está sorrindo.

Panorâmica em plano detalhe, do sorriso de Rodrigo até os olhos.

Fotograma 2: Recordista Rodrigo



Fonte: YouTube

- Hoje, aos 42 anos, Rodrigo Mendes é um dos **maiores especialistas do mundo** em inclusão social. Trabalho desenvolvido no instituto que leva o nome dele.

Volta sonora com Rodrigo Mendes (especialista em inclusão social)

Baixa a trilha.

Meio primeiro plano em Rodrigo.

Sobe a trilha, aos poucos, até o fim da fala.

- As barreiras que 'tão' no espaço, que 'tão' na nossa forma de atuar, é que prejudicam o desenvolvimento, né? E não aquilo que ele tem como particularidade, que a gente chama de impedimento.

OFF

Plano detalhe em uma mão sobre um *mouse*.

Roll no site do Instituto Rodrigo Mendes.

Panorâmica em plano médio mostrando as crianças na sala de aula e na arquibancada do ginásio.

- Então, pra pôr um fim em **barreiras** e **impedimentos**, ele criou projeto **Portas Abertas** para a Inclusão, e causou uma **transformação** nas escolas. Crianças **juntas** e **misturadas**, sem diferenças.

Sonora com professor Valdinei

Primeiro plano no professor, com crianças ao fundo.

- Sem distinção de cor, raça, religião.

OFF

Passeio em plano aberto mostra Mateus correndo com um colega.

Zoom out de plano médio para plano aberto, mostra Eric dançando com uma professora.

Close no Rodrigo

- O Mateus corre, o Eric dança. Sinal de que o Rodrigo acertou **em cheio** na proposta.

Volta sonora com Rodrigo Mendes (especialista em inclusão social)

Panorâmica em plano médio nas crianças, sentadas no chão do ginásio.

Meio primeiro plano em Rodrigo.

- A gente nunca sabe até onde cada um pode chegar e a gente tem que apostar, né? Que as pessoas, elas se superam.

OFF

Trilha sonora animada, com batidas marcadas.

Plano aberto com professora, passando orientações aos alunos.

Close em Rodrigo.

Panorâmica em plano aberto mostra o CEU e a escola.

Plano médio no portão da escola.

Panorâmica em plano aberto, de cima para baixo, mostra a porta do CEU de dentro da instituição

-O desafio foi mobilizar os professores. O Rodrigo fez algo considerado **simples**, mas **genial**. Fez CEU (Centro Educacional Unificado) e EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) trabalharem juntos. Por exemplo, a unidade do CEU Quinta do Sol, na zona leste de São Paulo, fica coladinha à Escola Municipal Rosângela Vieira. Até o projeto **Portas Abertas** aparecer, a realidade era a seguinte:

Sonora com Patrícia Gianella (coordenadora pedagógica)

Primeiro plano em Patrícia, que sorri durante toda a sonora.

- Eu ficava ali, da minha janela, olhando pra eles. Sabe assim, ficava ali trabalhando e pensando: "olha, mais uma, uma aeróbica agora, hein, né?".

OFF

Plano aberto mostra Valdinei desenvolvendo atividades com as crianças.

Panorâmica em plano médio, da direita para a esquerda, mostra as crianças em atividade.

- A aproximação veio quando o instituto ofereceu um curso de capacitação para os professores.

Volta sonora com Rodrigo Mendes (especialista em inclusão social)

Meio primeiro plano em Rodrigo.

Panorâmica em plano médio mostra crianças na sala de aula.

- Ele é mais focado no ensino fundamental e, no ano passado, por exemplo, a gente atingiu 37 mil alunos do Brasil todo, só com esse projeto.

OFF

Passeio em plano aberto com professor levando os alunos para o ginásio.

Áudio ambiente, todos cantam.

Plano médio mostra as crianças descendo uma rampa, Mateus olha para a câmera, sorri e faz um sinal de positivo com a mão.

Volta a trilha instrumental.

Plano aberto com crianças na aula, no ginásio.

Plano aberto enquadrando, também, o professor.

Meio primeiro plano em Andrea, orientando os alunos.

- É assim que as crianças vão para as atividades. Essa **alegria toda** se deve muito ao trabalho do professor Valdinei e da professora Andréa.

Sonora com Andrea Lopes da Gama (analista de informações)

Áudio ambiente.

Meio primeiro plano em Andrea.

- Que a ideia de inclusão é que todos consigam fazer. Eles vão conseguir fazer, só que cada um no seu tempo.

Volta sonora com professor Valdinei

Meio primeiro plano no Valdinei.

- Apenas encaramos todos eles como sendo o quê? Normais, nós somos todos normais.

OFF

Plano aberto no ginásio, com Valdinei desenvolvendo atividades com os alunos.

Panorâmica em plano médio, mostrando Eric na aula.

Volta trilha com batidas mais acentuadas.

- Os efeitos desse jeito de **interagir**, no caso do Eric...

Volta sonora com mãe do Eric

Trilha vai a BG.

Áudio ambiente.

Meio primeiro plano no Eric e em sua mãe.

- Ele já fala mãe, pai. Eu acho que ele aprendeu tudo na escola, né?

OFF

Meio primeiro plano no Eric e em sua mãe.

- E o Mateus?

Volta sonora com mãe do Mateus

- Ele até briga de sábado e domingo, ele pergunta: “mãe, tem aula hoje?” E eu: “não, Mateus, só segunda-feira”.

OFF

Diversas imagens em panorâmica em plano médio, mostrando as aulas.

Plano médio no Mateus durante as atividades, em seguida *close* nos pés do garoto.

- A gente **entende**, mamãe. No projeto Portas Abertas, as atividades não são diárias, cada aula é **desenvolvida** uma vez por semana. Esse gostinho de **quero**

mais do Mateus é a resposta que o Rodrigo **necessita** pra continuar abrindo **mais portas** para inclusão.

Rodrigo Mendes (especialista em inclusão social)

Meio primeiro plano em Rodrigo.

Plano médio em garoto realizando atividades.

Plano aberto mostra Mateus pulando corda.

- Não é mais admissível a gente ter pessoas que se tornam adultos excluídos porque não tiveram chance de estudar, esse é o grande sonho.

OFF

Primeiríssimo plano em *slowmotion* em Rodrigo.

Plano americano no Mateus, que sorri para a câmera.

Plano americano no Eric.

- Rodrigo Matheus e Eric são recordistas!

Sobe a trilha no final. Enquanto isso, passam imagens em plano médio das aulas.

5.1.2 Pérolas negras, time de refugiados faz peneira com garotos sírios para jogarem no Brasil¹⁷

A reportagem é o segundo episódio da série “A Partida”, exibida no Esporte Espetacular. 150 jovens sírios participam de peneira para jogar futebol no time de refugiados Pérolas Negras, no Brasil. Apenas cinco serão escolhidos. Sobreviventes de guerra, os jovens buscam uma chance de sair do cenário devastado por bombas e mudar de vida em um país novo. Toda emoção dos sírios é retratada por imagens e relatos.

¹⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6715688/>. Acesso em: 09 de junho de 2019.

5.1.2.1 Decupagem

De 0'31" até 01'50"

OFF

Plano geral no campo mostra jovens jogando futebol.

Plano médio mostra Mohamed Neymar cobrindo a cabeça com um colete.

Passeio em plano médio acompanha o jovem, no campo de futebol.

Plano médio nos professores orientando os atletas.

Close em Mohamed Neymar:

- "Como é que eu fui levar **aquele** dribble?"

Esse é o momento da **decisão**. Terminou o primeiro dia de peneira no campo de refugiados de Zaatari. Na cabeça de Mohamed Neymar, o jogo **continua**.

(Repórter narrando o pensamento de Mohamed Neymar)

Plano médio nos treinadores conversando e depois, chamando os jovens.

Plano detalhe em Mohamed Neymar amarrando a chuteira, depois primeiro plano no jovem, pensando.

Plano geral em Mohamed Neymar cobrando uma falta, quando a imagem é pausada.

- "Tão chamando um monte de gente que jogou comigo e minha chuteira desamarrava toda hora e teve **aquela** falta".

OFF

Plano detalhe nos olhos de sírios.

Plano americano em refugiados.

Plano detalhe em mãos segurando um papel.

Plano americano em mais refugiados e em pessoas conversando.

- O olhar de quem foi condenado pela **guerra** a viver esperando. Para um **refugiado**, a diferença entre ser lembrado ou esquecido pelo destino pode ser apenas alguns segundos.

OFF

Passeio em meio primeiro plano acompanha mulher chamando pessoas, em árabe.

Mescla de imagens da Jordânia e de grupos de refugiados em plano geral.

Plano americano de sírios em fila indiana.

Primeiro plano em refugiados sírios, sorrindo.

- Chegamos à Jordânia no dia em que o governo tinha concedido uma anistia a muitas famílias sírias que viviam irregularmente no país. Fila costuma ser lugar de **demora, aborrecimento**... essa era o contrário, um desenrolar de **sorrisos**, uma onda de **gratidão**.

OFF

Trilha marcante, com som de violão e batidas ao fundo.

Passeio em plano geral em comunidade da Síria.

Panorâmica em plano geral do deserto da Síria.

Contra-plongée do campo, focando nos jovens sírios.

Panorâmica em primeiro plano nos jogadores.

Primeiro plano nos pés dos sírios.

Novamente, primeiro plano nos pés dos atletas que correm. A imagem fica focada no gramado e entra o letreiro com o nome da série de reportagens.

- No campo de futebol também há uma **fila de espera**. A diferença é que aqui vai começar **a partida**¹⁸.

De 02'06" até 03'23"

OFF

Contra-plongée do campo para os jogadores, caminhando em direção à câmera.

Primeiro plano dos jogadores recebendo os coletes.

Panorâmica mostra os jovens, em primeiro plano, de costas, recebendo orientações do treinador.

Primeiríssimo plano em jovem.

Primeiro plano nos jogadores, alongando.

Contra-plongée em jovem franzindo a testa.

Close em sírio, que olha para os lados procurando algo.

¹⁸ Nome da série de reportagens. Expressão utilizada em duplo sentido, como sendo o jogo de futebol e a mudança para o Brasil.

Fotograma 3: Jovem sírio



Fonte: YouTube

Plano aberto no Marcos, observando os atletas jogando futebol.

- Ele é um dos 150 jogadores que vão participar do primeiro dia de peneira. **150** meninos que a guerra lançou no mundo e agora tentam **encontrar um caminho**. Esperançosos, ansiosos, desconfiados, sem saber de que lado o **futuro** vai chegar. Será que o futuro está nas palavras **desse treinador**?

Sonora com Marcos Baday (diretor do Pérolas Negras)

Plano americano do Marcos, falando. Ele sorri, mas logo fica sério.

- A van chega aqui, a hora que a van chega ali na entrada do campo... as crianças começam a dar tchau pra gente. 'Cê' sente assim todo mundo, aquele olhar assim "me tira daqui"... "me tira daqui, por favor".

OFF

Primeiro plano no coordenador, de perfil, e depois, meio primeiro plano.

Contra-plongée em atleta vestindo o colete.

Meio primeiro plano de Marcos, sorrindo.

- Marcos Baday, é o coordenador do **Pérolas Negras**, o time brasileiro formado por refugiados que veio buscar **talentos** entre os jovens da Síria.

Volta sonora com Marcos Baday (diretor do Pérolas Negras)

Close em olhares de jovens sírios.

Panorâmica em primeiríssimo plano, mostrando os jovens no banco de reservas.

Plano americano no Marcos.

Mescla de imagens em primeiro plano, em passeio, mostra jogadores sorrindo e fazendo brincadeiras.

- Tantos jovens que vêm de família **massacrada**, fugindo de **guerras**, praticamente sem perspectivas, mas a hora que entra no campo de futebol, a primeira coisa que eu observei hoje, quando eu entrei aqui, quando eu vi os jovens entrando no gramado, foi que eles começaram a sorrir.

OFF

Plano geral com jogadores alongando ao fundo e arte com a quantidade de jovens em cada etapa aparece em sobreposição.

- A peneira vai funcionar assim: no primeiro dia, de **150** vão sobrar 50; no segundo, saem **11 'prum' time titular** e mais alguns reservas. No último dia, um **jogo final** vai determinar os **cinco** escolhidos.

06'17" até 07'09"

OFF

Meio primeiro plano em Marcos, que analisa as fichas dos jovens.

- Marcos está acostumado a selecionar jogadores, **selecionar destinos** é muito mais difícil.

Volta sonora com Marcos Baday (diretor do Pérolas Negras)

Plano americano em Marcos, com semblante sério.

- As coisas podem mudar na vida deles a partir de uma decisão nossa, né? Isso tudo **não é fácil**, mexe com a gente.

OFF

Passeio em plano de conjunto nos atletas jogando futebol.

Plano detalhe nos pés dos jogadores, com marcas de chuteira.

Panorâmica dos pés até o rosto dos jovens, que estão sorrindo.

Passeio em plano detalhe no sírio que joga sem calçado nos pés.

Volta ao passeio em plano de conjunto mostrando lances dos jogadores.

- Hoje, de cada três só um vai ser escolhido. Pode faltar **talento**, mas **garra** não falta, não. Coragem também sobra. Medo de chuteira não existe, pra quem já escapou do **tanque**, da **bomba** e do **fuzil**. O que assusta mesmo é o relógio. São muitos jogos em pouco tempo. Cada um tem só alguns segundos para mostrar o que sabe.

09'31" até 10'43"

OFF

Plano geral mostra os atletas selecionados e os que aguardam o resultado, ao fundo.

Passeio em meio primeiro plano nos sírios selecionados.

Sobe áudio ambiente e vai a BG.

Primeiro plano em Mohamed Neymar, pensando.

Fotograma 4: Mohamed Neymar



Fonte: YouTube

Imagem de trás para a frente da falta cobrada pelo jovem.

- São 50 escolhidos. 50 explosões de alegria. Mas, e o Neymar? E **aquela** falta?

Pedro Bassan (repórter)

Sobe áudio ambiente

Meio primeiro plano do Pedro conversando com Marcos.

Plano médio nos sírios se arrumando na barreira.

- Esse é o Neymar. Será que ele pega bem na bola?

Marcos Baday (diretor do Pérolas Negras)

Passeio em plano aberto acompanha a bola, da cobrança de falta até as redes da goleira.

Após o apito, áudio ambiente vai a BG e sobe trilha.

Meio primeiro plano do Pedro conversando com Marcos.

Trilha vai a BG e sobe áudio ambiente.

- Vamos ver se ele é Neymar mesmo. Aí, golaço!

Pedro Bassan (repórter)

Plano aberto mostra Mohamed Neymar fazendo sinal de positivo para a câmera.

- Olha só!

OFF

Sobe trilha junto com áudio ambiente. Ambos vão a BG.

Passeio em plano aberto, em *slowmotion*, mostrando o gol de Mohamed Neymar.

Zoom in de plano geral para plano americano em Mohamed Neymar. Depois, meio primeiro plano com *zoom in* até *close* no rosto do jovem, que está sorrindo.

Fotograma 5: Mohamed Neymar sorrindo



Fonte: YouTube

Plano médio mostra jovens sírios sentados no gramado.

Contra-plongée mostra sírios sob o sol.

Plano aberto nos jovens, de costas, caminhando.

Altera trilha para um som de piano, suave, que sobe aos poucos até o fim da fala, quando entra um dedilhado de violão.

Slowmotion em plano geral dos jovens, correndo em direção à câmera.

- Gol que garantiu **Mohamed Neymar** na **próxima fase**. A competição agora é só para ver quem tem o **sorriso maior**: Neymar, Marcelo, Hassan, Ali...Em Zaatari, mais um dia termina e a **guerra** na Síria parece **longe do fim**, mas pelo menos, por um momento, esses meninos não precisam olhar para um **passado de horror e de medo**. Ganharam a chance de olhar em **outra direção**. O futuro que estava escondido, apareceu no horizonte. Cada um pode escolher o lado que **quiser**...o importante é **não deixar de correr**.

5.1.3 Força no esporte: programa de inclusão¹⁹

A reportagem fala sobre o Programa Segundo Tempo – Forças no Esporte (PROFESP), voltado à inclusão social de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Ela foi exibida no programa Repórter NBR, da TV Nacional do

¹⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HShH3XD67WY>>. Acesso em: 09 de junho de 2019.

Brasil. O projeto em questão é desenvolvido em Brasília, na Associação de Esporte e Lazer dos Subtenentes e Sargentos do Exército (ASSEB), porém esse mesmo programa atende crianças e jovens em 160 organizações militares de todo o país.

5.2.3.1 Decupagem

OFF

Sem trilha sonora musical, apenas áudio ambiente durante toda a reportagem.

Mescla de imagens em plano geral e plano americano mostram jovens nas aulas e no refeitório.

Fotograma 6: Crianças sorrindo



Fonte: YouTube

Passeio em plano geral mostra crianças correndo.

Plano geral do refeitório.

Plano aberto nas crianças desenvolvendo atividades.

- O programa atende **mais de 23 mil** crianças e jovens, com idades entre 6 e 18 anos, em situação de **vulnerabilidade social**. Esses jovens são atendidos em **160** organizações militares de todo o país. Só no distrito federal, são 1.740 beneficiados. O programa oferece atividades culturais, esportivas e de reforço escolar. Além de uma alimentação balanceada no contra turno escolar, em estruturas da Marinha, Exército e Aeronáutica. Neste clube do Exército, em Brasília,

são 500 crianças por turno. Aqui essas crianças são tratadas com **carinho** e **disciplina**.

Sonora com general Jorge Antônio Smicelato (diretor do Departamento de Desportos Militar)

Primeiro plano no general.

- É desenvolver disciplina, desenvolver respeito ao próximo, tolerância e despertar nela de que com esforço, com estudo, com a dedicação, ela pode ter uma vida muito melhor.

Passagem

Meio primeiro plano na repórter, com crianças ao redor.

As crianças olham para a câmera e começam a sorrir e a fazer brincadeiras.

- O programa Força no Esporte, de inclusão social, dos Ministérios da Defesa, do Esporte e do Desenvolvimento Social é uma vertente do programa Segundo Tempo e a ideia é **democratizar** o acesso e a prática à cultura do esporte para jovens carentes. E por que não formar novos **Neymar, Williams e Coutinhos**?

Repórter

Primeiro plano nas crianças.

- Quem é da seleção que 'cê' gostaria de ser **hoje**?

Sonoras com crianças

- Neymar.

- Marcelo.

Sonora com Lucas Gonçalves Moura (9 anos)

Primeiro plano em Lucas.

Fotograma 7: Entrevista do Lucas



Fonte: YouTube

- Defender as bolas do adversário.

OFF

Plano médio nos jovens jogando tênis de mesa.

Plano aberto nas crianças jogando futebol.

Primeiro plano no professor.

Close no professor.

- Essas crianças vêm de escolas que estão em **áreas** consideradas de alta **vulnerabilidade** no Distrito Federal. Para o professor de uma dessas escolas, as crianças do projeto têm um comportamento **diferenciado** em sala de aula.

Sonora com professor

Primeiro plano no professor.

- Em relação a **comportamentos**, alguns momentos que precisa, o aluno precisa ficar mais concentrado, ele precisa **parar, ouvir**, então nós percebemos, **sim**, essa **mudança** em relação aos demais alunos que não estão participando.

OFF

Meio primeiro plano enquadrando a repórter e o capitão.

Plano aberto nas crianças jogando basquete.

Close no capitão.

- Esse capitão aposentado é **voluntário** no projeto que coordena a atividade de cerca de **mil** crianças e jovens. Para ele, é **muito gratificante** constatar a **mudança** da criança beneficiada pelo programa.

Sonora com capitão aposentado

Primeiro plano no capitão.

- A gente recebe umas informações das professoras e diretoras falando da diferença de um aluno **do projeto** e da **escola** delas lá do dia-a-dia.

Reportagem finaliza com corte na fala e na imagem do capitão.

5.2 ANÁLISE

Após a decupagem das três reportagens objetos de estudo, é hora de dar início à fase três da Análise do Conteúdo, a fim de encontrar “o discurso”. Com isso, a pesquisadora procura correlacionar o jornalismo literário, o jornalismo esportivo, a inclusão social e a televisão, assuntos apresentados nos capítulos anteriores, que se constituem no alicerce desta monografia e que estão presentes nas reportagens.

A relação entre a prática esportiva e a inclusão social é retratada de maneiras diferentes nas reportagens, até porque os projetos têm objetivos distintos dentro de cada realidade em que estão inseridos. Uma cita jogadores de sucesso da atualidade, outro cita um grande craque, enquanto que o primeiro fala sobre vencer, acima de tudo, o preconceito.

É possível perceber que as grandes reportagens que se utilizam das técnicas do jornalismo literário permitem que se produzam materiais que abranjam mais princípios do Jornalismo em uma única reportagem. Citados no capítulo 2 desta pesquisa, os princípios da veracidade/honestidade, objetividade e imparcialidade estão presentes nas reportagens objetos de estudo, mesmo com as ressalvas apontadas durante o capítulo.

Mesmo a reportagem da TV NBR, que se refere ao trabalho dos militares, deixa esse detalhe um pouco de lado ao focar na história dos jovens atendidos pelo projeto social. Ferrari e Sodré (1986) defendem que o jornalista não deve ter

fronteiras, ou seja, deve produzir conteúdo que agregue à vida das pessoas sem que classe social, ideologia política e etnia, por exemplo, interfiram no entendimento da informação, como mencionado no capítulo sobre o Jornalismo.

Apesar do acesso ao esporte e ao lazer ser um direito, garantido em lei pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, conforme citado no capítulo 4, os jornalistas exaltam, de alguma forma, as pessoas que dedicam um tempo de suas vidas em prol de crianças e adolescentes. Quando os projetos sociais envolvem, além da desigualdade econômica, crianças com alguma deficiência, os professores e voluntários ganham ainda mais destaque.

Marcondes Filho (2000), no segundo capítulo deste trabalho, diz que o Jornalismo está na era da tecnologia, sendo que uma das características é a troca do agente jornalista por sistemas de comunicação eletrônica. No caso dos objetos de estudo, o ser humano permanece sendo fundamental, na medida em que as reportagens são carregadas de sentimentos. Levando em consideração o que diz Kotscho (2001), máquinas não seriam capazes de produzir bons conteúdos jornalísticos, afinal, a informação é apenas uma das “ferramentas” do repórter. A outra é a emoção, que faz com que o jornalista esqueça preconceitos, crenças e ideologias próprias, conectando-se à história do outro.

O jornalista Pedro Bassan, um dos mestres do telejornalismo literário da atualidade, consegue dosar muito bem as informações e o sentimento que elas transmitem. Com frases bem estruturadas e uma dose de emoção e vibração na voz, o repórter ultrapassa a barreira da informação, sensibilizando o telespectador. Kotscho (2001) defende que o repórter é, antes de jornalista, um ser humano e é esse lado humano que deve prevalecer quando se tem um espaço como o de uma grande reportagem.

Nas reportagens analisadas percebe-se o uso de enquadramentos diferenciados, a fim de tornar o material mais dinâmico. Este é um dos “poderes” do jornalismo literário audiovisual, que ultrapassa os limites dos acontecimentos cotidianos ou do modo mais “engessado” em que se contam as histórias nos telejornais tradicionais. Ele permite a maior exploração e apuração dos fatos, por isso as reportagens são maiores que as meras notícias do dia a dia.

Além disso, na maioria das vezes, o jornalista provoca reflexões, como na primeira reportagem analisada, que trata os jovens que sofreram paralisia cerebral como cidadãos atuantes na sociedade. Colocações assim fazem com que o

telespectador tenha também a oportunidade de criar para si um olhar diferenciado sobre o mundo. Como exposto no capítulo 2 desta monografia, esse tipo de reflexão é característico do jornalismo literário, que permite, em suas grandes reportagens, maior aprofundamento do tema.

Sendo assim, como mencionado no capítulo referente ao Jornalismo, o jornalista se aproxima da população de uma forma sutil. Ao expor suas qualidades e defeitos no meio da informação, o profissional também auxilia na aceitação das dificuldades dos indivíduos, mostrando que sempre há uma forma de superar os obstáculos encontrados pelo caminho. Pena (2006) lembra que isso é característica de um ser preocupado com o bem social, fator muito importante para a profissão, já que esta é encarada como o “quarto poder”, mesmo que simbólico (BOURDIEU, 2001).

Esse “poder” pode acabar se tornando um “peso nas costas” do jornalista. Uma forma de lidar com a situação é deixando que os personagens do acontecimento falem suas versões, sem que o jornalista emita opiniões ou emita o menos possível, já que a imparcialidade total não existe, como defende Bahia (1990). Os jornalistas das reportagens analisadas fazem com que seus entrevistados sejam os personagens principais, contando a história de cada um na própria voz de quem vivenciou ou vivencia os fatos. Cabe ao Jornalismo esse papel de intermediador entre os cidadãos e a sociedade.

A ligação entre os indivíduos que participam da reportagem e a população que a assiste pede do jornalista uma linguagem de fácil entendimento. Beltrão (1992) defende que a TV deve transmitir informações que não demandem inteligência apurada para a perfeita compreensão. Em todas as reportagens analisadas, os repórteres utilizam frases curtas e diretas, com palavras simples, aproximando, ainda mais, o Jornalismo da linguagem coloquial, ainda prestando homenagens a sua origem proveniente do rádio.

Quanto ao discurso, os jornalistas procuram dar ênfase a palavras que, de certa forma, marcam algum acontecimento. As reticências, aquele tom de suspense ou esperança ao fim das frases também são muito comuns. A fim de entreter o público por um tempo maior e ainda manter a audiência, “uma certa dose de mistério” está sempre presente nas matérias. Como na reportagem dos garotos refugiados, quando o repórter fala sobre a falta cobrada por Mohamed Neymar.

Também está presente quando Pedro Bassan faz o questionamento sobre o futuro dos jovens estar nas mãos do treinador.

Segundo Marcondes Filho (1988), essa forma de conquistar o telespectador está presente nos programas e conteúdos apresentados desde a fase de transição e expansão internacional da TV, como mencionado no capítulo 3 deste trabalho, com enquadramentos e ângulos variados e diferentes dos utilizados no *hard news*, como o *contra-plongée*. A segunda reportagem analisada, por exemplo, se utiliza de diversos planos, enquanto as outras duas matérias quase não usam movimentos de câmera.

Chamar a atenção da população dessa forma é possível, pois as pessoas buscam, antes de se informar, se entreter, como afirma Llosa (2013). Com as histórias envolventes, características de um Jornalismo que buscou forças na literatura, o telespectador fica por horas em frente à televisão. Os exageros e “invenções” em narrações na década de 1980 saíram de cena, para dar lugar à emoção real (COELHO, 2004). No fotograma 1 é possível perceber que o repórter não vitimiza o personagem, mostrando uma imagem dos garotos praticando atividade física como os demais.

A hibridização das categorias informação e entretenimento (infotainment) fica clara nas três reportagens deste trabalho. A principal característica do infotainment é que as reportagens proporcionam lazer ao mesmo tempo em que informam. Segundo Dejavite (2014), citada no capítulo 3 desta monografia, o entretenimento, é percebido por meio das trilhas e imagens diferenciadas que fazem com que o telespectador se transporte “para dentro” das histórias, gerando maior aproximação.

Paternostro (1999) afirma, no capítulo sobre a TV, que o fascínio é uma das características da televisão: ela seduz, por meio de seu modo peculiar de contar histórias e envolve a população de forma que a informação, às vezes, é recebida sem que se perceba. Neste ponto, a reportagem sobre os refugiados está um pouco à frente das demais, com mais movimentos de câmera, mais imagens e sons. Isso permite que o telespectador se sinta parte do conteúdo apresentado, experimentando emoções e sensações diferentes, próximas do que sentiu o personagem principal.

A imagem é a base da linguagem na televisão e uma de suas funções é complementar e auxiliar no entendimento da mensagem que se quer passar. O

slowmotion, por exemplo, é utilizado para mostrar detalhes que poderiam passar despercebidos, como gestos e sorrisos. Porém, algumas vezes, os jornalistas optam pela câmera lenta para garantir maior espaço a uma determinada cena que pode dar uma direção diferente para a reportagem. Por exemplo, na primeira reportagem, onde o garoto Eric aparece praticando atividade física em meio a uma turma de alunos. Aliado ao *slowmotion*, o *close* capta emoções e expressões diversas, como no fotograma 3, em que o jovem sírio aparece com o “olhar desconfiado”.

Além disso, *zoom out* também aparece muito no material analisado. Parte-se de um pequeno ponto para a cena em plano geral, mostrando, por exemplo, que os jovens sírios não estão sozinhos. Ou ainda, que muitas pessoas enfrentam um mesmo problema, o que tornaria mais simples (ou solidário) o processo de superação.

Outro enquadramento bastante utilizado é o plano detalhe, que mostra os pés dos atletas, o nervosismo em um lance, o esforço das pessoas com deficiência para realizar as atividades do dia-a-dia. A primeira reportagem dá bastante ênfase às pequenas imagens, como um simples passo para a frente ou um piscar de olhos. A palavra superação não foi utilizada nenhuma vez, mas as imagens traduzem o significado de tal palavra.

A inclusão social é agente importante nesse processo de encarar os desafios. Nas reportagens, ela é retratada por meio de expressões e palavras mais marcadas, ditas com maior entonação. E não diferente das demais áreas do Jornalismo, o esportivo tem grande responsabilidade para com a sociedade, como apresentado no capítulo 4. Junto com o assistente social, que estuda as diferentes realidades, o jornalista transmite as vivências da população e do profissional de serviço social. Esse “meio de campo” realizado pelo Jornalismo é fácil de notar nos objetos de estudo, pois os repórteres procuram deixar “a voz” com as fontes de informação.

A reportagem que aborda os garotos com paralisia cerebral dá grande destaque, tanto para eles quanto para o idealizador do instituto, Rodrigo Mendes, que é paraplégico. Já a segunda reportagem, prioriza os depoimentos do coordenador do projeto que foi para a Síria selecionar talentos. É claro que tudo o que é transmitido deve ser o mais fidedigno possível, mas, ainda assim, cabe ao jornalista identificar os principais personagens de cada acontecimento. Curado (2002) fala sobre isso e ainda reforça que as notícias não podem deixar o

telespectador com dúvidas, sendo que se há algo para esclarecer, o jornalista deve fazê-lo, como apontado no capítulo 2.

A televisão serve como um facilitador para transmissão de informações e mensagens. Sendo assim, as imagens e o áudio devem contribuir no entendimento do que se quer passar, sempre da maneira mais direta possível, pois, como explica Paternostro (1999) no capítulo 3, cada receptor interpreta o que está vendo do seu jeito, a partir de sua própria “bagagem cultural”.

Mattos (2010) fala sobre o surgimento de novas tecnologias e a facilidade que elas trazem consigo, como mencionado no capítulo 3 desta monografia. Todas as reportagens aqui analisadas estão disponíveis tanto em seus devidos portais de informação quanto em plataformas de vídeo, neste caso o *YouTube*. Isso engrandece o alcance do material, aliando-se as frequentes inovações com os princípios da profissão.

É importante ressaltar que as reportagens foram produzidas por emissoras em contextos muito diferentes. Considerada a maior emissora do país e a segunda maior do planeta, a Rede Globo detém a maioria da audiência brasileira, além dos telespectadores de outras partes do mundo, com a Globo Internacional. A Record TV está entre as maiores do país, porém, no quesito Jornalismo, ainda faltam recursos para alcançar a “número um”. A terceira é mantida pelo Governo Federal e tem o foco voltado para transmissões ao vivo de eventos da Presidência da República e outros órgãos do Governo.

Apesar dessas diferenças, os assuntos devem ser tratados da forma mais clara e objetiva possível, o que não deve ser sinônimo de matérias curtas, até porque esta pesquisa analisa grandes reportagens. No segundo objeto de estudo desta monografia pode-se perceber que o repórter faz mais voltas e suspenses ao longo do material, porém, por se tratar de uma série de reportagens que retrata a vida de refugiados, são necessárias mais informações, o que torna a matéria mais longa. Por exemplo quando o repórter fala a respeito da chegada na Jordânia. Nas demais reportagens, os jornalistas vão direto ao ponto, entrevistando os personagens principais, sem “cerimônias”. Isso fica claro no terceiro objeto de estudo em que a repórter já inicia a matéria com um *off* explicando sobre o projeto em questão.

Algo a se destacar na segunda reportagem é o fato de que um dos garotos sírios se inspira em Neymar, jogador de futebol brasileiro. Isso é lembrado pelo

repórter diversas vezes durante a matéria, dando a entender que o jogador profissional serve como exemplo para outras pessoas. Isso também acontece na reportagem sobre o projeto social desenvolvido pelos militares, quando a repórter, em sua passagem, afirma que o objetivo do programa “é democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte para jovens carentes”. Ela ainda questiona se não poderia também formar novos jogadores profissionais, citando Neymar, William e Philippe Coutinho. Os dois primeiros jogadores mencionados enfrentaram dificuldades durante a infância e ambos conseguiram, no futebol, melhores condições de vida, inclusive para a família.

Esses “cases” de sucesso são muito comuns no jornalismo esportivo, como mencionado no capítulo que aborda a história do mesmo. Porém, essa mudança de vida por meio do esporte, nas reportagens analisadas, não se trata apenas da questão financeira. Os recordistas, do primeiro objeto de estudo, encontraram no esporte a vontade de viver, além de transmitir essa força a toda a família. As mães dos meninos que tiveram paralisia cerebral apontam, em seus depoimentos, que eles passaram a desenvolver mais a parte cognitiva após iniciarem as aulas no projeto Portas Abertas.

Os jovens sírios, por sua vez, procuram uma chance de viver dignamente, longe de tanques, bombas e ataques. Com fortes influências do jornalismo literário, o repórter dá mais ênfase à esperança de alcançar uma vida livre. No projeto dos militares, os personagens são crianças de comunidades carentes, que recebem, além da atividade física, reforço escolar e alimentação. Neste caso, o fato da vulnerabilidade em que os atendidos vivem é apresentado de maneira direta. Aqui não é contada a história de nenhuma pessoa em especial, sendo que os focos das entrevistas são os professores do projeto. Estes deixam claro, na fala, que o esporte é um importante aliado para formar cidadãos responsáveis, relatando que as diferenças entre um aluno do projeto e outro que não frequenta as aulas da instituição são nítidas. Eles se referem ao comportamento e ao comprometimento em sala de aula.

Por conta do sucesso do jornalismo esportivo na TV, o esporte se distanciou um pouco da ideia de que é um direito garantido aos cidadãos para se tornar um espetáculo, mais um produto a se comercializar (ATHAYDE et al., 2016), como explicado no capítulo 4 desta monografia. Por se referirem a projetos sociais e não a competições que envolvem patrocinadores e marcas, as reportagens não sofrem

interferências de fora. No terceiro objeto de estudo, por meio das entrevistas e depoimentos, é possível perceber que o esporte ainda é encarado como um dever do Estado para com a população. O fotograma 6 apresenta a alegria das crianças em realizar atividades, bem como o prazer do professor em prestar tal serviço.

Cada reportagem se liga a uma classe de pessoas específicas e conversa com esse público. Elas apresentam formas de mudança e como encarar os obstáculos que cercam a vida delas. Curado (2002), citada no capítulo 3, lembra que o texto na TV deve ser direcionado como se fosse a apenas uma pessoa, não para milhares. Isso aproxima mais o telespectador do jornalista. Nesses casos analisados, o Jornalismo se conecta a diversas realidades, fazendo com que muitos possam se sentir representados na tela. Esse é o papel social do jornalista, apontado pela pesquisadora ao longo desta monografia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou a relação entre o esporte e a inclusão social em matérias jornalísticas esportivas na televisão. As reportagens escolhidas foram: Recordistas: projeto de inclusão facilita contato de crianças deficientes com o esporte, da emissora Record TV; Pérolas Negras, time de refugiados, faz peneira com garotos sírios para jogarem no Brasil, da emissora Rede Globo e Força no esporte: programa de inclusão da emissora TV Nacional do Brasil. Após a pesquisa bibliográfica e a aplicação dos métodos de Análise de Conteúdo e de Discurso, é possível fazer algumas considerações.

A primeira hipótese, que afirma que o telejornalismo esportivo, quando ligado à inclusão social, coloca o esporte como uma alternativa de superação para jovens em condições de vulnerabilidade socioeconômica foi comprovada. Relacionando os estudos sobre o Jornalismo, em especial em seu viés esportivo, com a linguagem da televisão e a decupagem, foi possível comprovar o papel social que o jornalista exerce na sociedade. No telejornalismo esportivo, essa relação entre esporte e inclusão social é tratada de diferentes formas.

Também foi comprovada, a segunda hipótese, que sugere que as reportagens objetos de estudo desta pesquisa, assim como o telejornalismo esportivo, são construídas com base no jornalismo literário, transformando a realidade em histórias cativantes para prender a atenção do telespectador. Essa é uma forma de apresentar os assuntos, utilizando técnicas da literatura, como nas reportagens analisadas nesta monografia.

A terceira hipótese é que as reportagens objetos de estudo dessa pesquisa são produzidas de forma que passem a ideia de que o esporte pode dar uma vida digna às pessoas por meio do seu discurso. Através de *offs* e passagens, os jornalistas deixam claro que o esporte é, sim, uma forma de buscar um novo futuro e melhores condições de vida. Relacionando-se o capítulo que fala sobre o Jornalismo com aquele que aborda a TV e observando a decupagem, foi possível comprovar que os discursos dos jornalistas exaltam esse “poder” do esporte na sociedade.

Por fim, a quarta hipótese aponta que o telejornalismo assume papel fundamental na sociedade, sendo que é uma das formas mais fáceis de obter

informação. Os jornalistas, por sua vez, contam as histórias de forma que fiquem mais agradáveis para o público (jornalismo literário e infotainment).

Elencadas as hipóteses, o objetivo geral foi analisar a forma como a inclusão social, por meio do esporte, é retratada em reportagens telejornalísticas de diferentes emissoras. Ele foi alcançado por meio da apresentação da história da TV no Brasil, bem como o surgimento do telejornalismo esportivo, presentes nos capítulos 1, 2 e 3 deste trabalho. Por meio de pesquisa bibliográfica, desenvolveram-se os capítulos de forma que pudessem ser utilizados como base na análise dos objetos de estudo. Da mesma forma se chegou ao objetivo de apresentar a história da televisão no Brasil, bem como o surgimento do telejornalismo esportivo.

A inclusão social não foi inserida na sociedade de uma forma concreta. Para que fosse possível colocar em prática o objetivo de estudar o conceito de inclusão social e sua evolução no Brasil, a pesquisadora recorreu à área do serviço social. A partir disso, pode-se dizer que a inclusão social é algo que foi se firmando aos poucos no Brasil, com apoio de projetos sociais e leis, porém, seriam necessários estudos mais aprofundados para poder definir sua real origem. Apesar disso, o jornalista, como um aliado do assistente social, procura em seu discurso dar ainda mais destaque à essa inclusão, tornando de ciência de todos seus direitos.

O quarto objetivo consistia em analisar o conteúdo das reportagens objetos de estudo, levando em conta a forma como o jornalista mostra os fatos e o seu discurso, de modo geral. Sendo os objetos de estudo grandes reportagens, para alcançar tal objetivo, foi necessário aprofundar os conhecimentos sobre jornalismo literário. Isso tornou possível perceber que esse discurso não precisa ser da forma mais curta para ser objetivo.

Aprofundar o conhecimento sobre o jornalismo literário, diferenciando o envolvente do instantâneo foi o quinto objetivo. Para alcançá-lo, foram pesquisadas as características do jornalismo literário, podendo, assim, diferenciá-lo do *hard news*.

O último objetivo listado foi refletir acerca do papel social do jornalista. Para isso, a pesquisadora utilizou-se dos capítulos 2 e 4, que abordam o Jornalismo em geral, bem como o literário e o esportivo, além da inclusão social. O objetivo foi alcançado e pode-se afirmar que o jornalista deve prezar pelo bem comum da sociedade.

Considerando a pesquisa bibliográfica, a decupagem e a Análise de Conteúdo e de Discurso, foi possível responder à questão norteadora: como as matérias

jornalísticas de televisão mostram o vínculo entre o esporte e a inclusão social? Os repórteres procuram passar uma visão de futuro melhor através do esporte, mas também de uma vida com mais dignidade. Pode-se afirmar que o Jornalismo, em geral, coloca o esporte como uma alternativa de superação. Nas reportagens, percebeu-se que os jornalistas buscaram enaltecer os personagens principais (entrevistados), deixando que eles explicassem os acontecimentos, aumentando a credibilidade das matérias, mas, também, colocando cada um em seu lugar de fala.

Esta monografia, além de ir ao encontro de duas paixões da pesquisadora, tem o propósito de dar destaque a assuntos que cercam a sociedade, mas que não recebem o devido valor. A inclusão social é muito debatida, porém pouco valorizada, assim como a prática esportiva, mesmo que amadora. Claro que o futebol tem grande audiência, recebe incentivo financeiro e apoio da população, porém, o foco deste trabalho foi mostrar que o esporte vai muito além disso. Como agente de inclusão social ou apenas como uma forma de ter uma vida digna em família, o esporte é uma das formas mais eficientes de formar cidadãos preocupados com a sociedade e com o bem do próximo.

REFERÊNCIAS

Livros e e-books

ALMEIDA JUNIOR, João Baptista de, in CARVALHO, Maria Cecília de. **Construindo o saber**: metodologia científica, fundamentos e técnicas. São Paulo: Papyrus, 1989

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo: Martins, [19--].

_____. **Jornal, história e técnica**. 4.ed. rev. e aumen. São Paulo: Ática, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

_____. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo, Edusp, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. 4.ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CALDAS, Álvaro. **Deu no Jornal**: o jornalismo impresso na era Internet. São Paulo: Loyola, 2002.

CAPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. de. **Comunicação e televisão**: desafios da pós-globalização. São Paulo: Hacker, 2004.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

COSTELLA, Antonio. **Comunicação – Do Grito ao Satélite**. São Paulo : Mantiqueira, 1984.

CURADO, Olga. **A notícia na TV**: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento**: Informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

GALTUNG, Johan; RUGE, Marie, in WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Você, ouvinte, é a nossa meta**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, Editora ETC, 2000.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2004.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.

_____. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

_____. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. 2.ed. São Paulo: Hacker, 2002.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. 5.ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MELO, José Marques de; in SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

PAIM, Paulo. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 2018.

PADEIRO, Carlos Henrique de Souza in DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2006.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PENA, Felipe. **1000 Perguntas**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2005.

_____. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PEREIRA, Lamartine. **Espportes** - Biblioteca Educação e Cultura. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura; Ministério das Minas e Energia, 1980.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet**. São Paulo: Summus, 2003.

PRIOLLI NETO, Gabriel in MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. 5.ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, Guilmar Maris de; COELHO SOBRINHO, José. **Esporte e jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

TRAQUINA, Nélon. **Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

Artigos

ATHAYDE, Pedro et al. O ESPORTE COMO DIREITO DE CIDADANIA. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, p.490-501, abr. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/pef/article/download/34049/pdf/>>.

BASTOS, Marcellus Henrique Rodrigues; OLIVEIRA, Ualison Rebulá de. **Análise de discurso e Análise de Conteúdo: Um breve levantamento bibliométrico de suas aplicações nas ciências sociais aplicadas da Administração**. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/26322295.pdf>>.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **Políticas públicas de esporte e lazer: caminhos participativos**. Revista Motivivência, Florianópolis. Ano X, n2 11, Julho, 1998.

PARKER, Ian. **Discourse Dynamics: Critical Analysis for social and individual psychology**. London: Routledge, 1992.

LEANDRO, Paulo Roberto. **Jornalismo esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessadas em desenvolver carreira política**. 2005.

Sites

SIGNIFICADOS. **Significado de Meritocracia**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/meritocracia/>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Conselho de Segurança Nacional**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/conselho-de-seguranca-nacional-csn>>. Acesso em: 20 de março de 2019.

ESTUDO PRÁTICO. **Nova República**. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/nova-republica-inicio-eleicoes-diretas-e-presidentes/>>. Acesso em: 25 de março de 2019.

ACADEMIA DO JORNALISTA. **4 dicas básicas de como fazer um bom lide jornalístico**. Disponível em: <<https://academiadojornalista.com.br/producao-de-texto-jornalístico/como-fazer-um-bom-lide-jornalístico-com-4-dicas/>>. Acesso em: 12 de abril de 2019.

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA. **Institucional**. Disponível em; <<https://www.esg.br/a-esg/apresentacao>>. Acesso em: 02 de junho de 2019.

EDUCALINGO. **Dicionário**. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-pt/videocassete>>. Acesso em: 15 de março de 2019.

UOL. **TV e famosos**. TV paga: Veja ranking dos 30 canais mais vistos no país em setembro. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2018/10/16/tv-paga-veja-ranking-dos-30-canais-mais-vistos-no-pais-em-setembro.htm>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

PRIMEIRO FILME. **Enquadramentos: planos e ângulos**. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

Reportagens

YOUTUBE. **Esporte Fantástico**. Recordistas: projeto de inclusão facilita contato de crianças deficientes com o esporte. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YudGMbJK5TQ>>. Acesso em: 21 de outubro de 2018.

GLOBOPLAY. **Esporte Espetacular**. Pérolas negras, time de refugiados faz peneira com garotos sírios para jogarem no Brasil. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6715688/>>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

YOUTUBE. **TV BrasilGov**. Força no esporte: programa de inclusão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HShH3XD67WY>>. Acesso em: 21 de outubro de 2018.

APÊNDICE A - PROJETO DE MONOGRAFIA

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

MAIARA ZANATTA GALLON

**A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E INCLUSÃO SOCIAL NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO BRASILEIRO**

Caxias do Sul

2018

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

MAIARA ZANATTA GALLON

**A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E INCLUSÃO SOCIAL NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO BRASILEIRO**

Projeto de Monografia apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Monografia I.

Orientadora: Prof.^a Ma. Marliva Vanti
Gonçalves

**Caxias do Sul
2018**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 TEMA	17
3 JUSTIFICATIVA	18
4 QUESTÃO NORTEADORA	21
5 HIPÓTESES	22
6 OBJETIVOS	23
6.1 OBJETIVO GERAL	23
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	23
7 METODOLOGIA	24
8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	27
9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS	29
10 CRONOGRAMA	30
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, o ser humano se comunica e transmite informações. Essa necessidade faz com que o homem aperfeiçoe cada vez mais a sua relação com a comunicação. Para Pena (2006), a história da comunicação está ligada à primeira interação humana, quando os povos se comunicavam por gestos e sons. “A fala foi o passo inicial de itinerário impressionante”, ressalta Costella (2002), pois com ela foi possível que um grupo passasse seus ensinamentos e culturas a outros grupos, mantendo, assim, as raízes das culturas de cada povo.

Os meios de comunicação surgem como uma forma de facilitar a comunicação, propagando informação por meio de veículos como jornal impresso, rádio, televisão e internet. Seu conjunto ou, muitas vezes, em separado, é denominado “mídia”. Segundo Bahia (1990), o primeiro jornal a atuar no Brasil foi o Gazeta, que surgiu em 1808, no Rio de Janeiro. O autor complementa que suas publicações, que eram semanais, logo passaram a ser bissetimanais e relatavam acontecimentos relativos à família real portuguesa. Já o rádio chegou como uma experiência, em 1922, transmitindo provisoriamente as festas do Centenário da Independência, pela Rádio Corcovado. Em 1923, surgiu a primeira estação de rádio, a PRA-2, Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que transmitia programas musicais, literários e informativos.

Muitos anos depois, em 1950, chegou ao país a televisão, instalada em estúdios precários em São Paulo. Ela foi trazida pelo empresário Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, que fundou a primeira emissora do Brasil, a TV Tupi-Difusora. O presente trabalho aprofundará o tema na sequência.

A internet é o meio mais recente, criada em 1990, quando chegou ao fim a ARPAnet²⁰. Os meios de comunicação começaram a se apropriar da nova tecnologia a partir de 1993, quando a ONU divulgou um site próprio, o www.un.org, o qual está em funcionamento até hoje. No Brasil, a internet se tornou disponível para pesquisadores e professores e só foi disponibilizada para uso comercial, ou seja, para a população em geral, em 1995 (PINHO, 2003).

Toda essa tecnologia está cada vez mais presente na vida do ser humano.

²⁰ Considerada a “mãe” da internet. Em inglês, ARPAnet significa Advanced Research Projects Agency Network, na tradução livre, Rede de Agências para Projetos de Pesquisas Avançadas. Criada em 1965, tinha o objetivo de interligar as bases militares do governo Estadunidense. Fonte: PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet**. São Paulo: Summus, 2003.

Dessa forma, a comunicação tornou-se mais fácil, sob o ponto de vista da velocidade. No que se refere ao conteúdo, precisa-se de uma análise mais profunda, afinal esse meio de comunicação tornou o jornalismo mais acessível ao público, porém, também facilitou a produção de conteúdo para qualquer cidadão. O fato é que a chegada da internet não acabou com nenhum outro meio, pelo contrário, veio para complementar e auxiliar a melhorar a comunicação, que hoje é instantânea. Assim, os veículos estão tendo que se adequar para entregar informações de qualidade no menor tempo possível.

1.1 JORNALISMO

“Entre todas as atividades humanas, nenhuma responde tanto a uma necessidade do espírito e da vida social quanto o jornalismo. É próprio da nossa natureza informar-se e informar”. Assim, Beltrão (1992) explica a profissão.

A história do jornalismo está ligada aos povos antigos que repassavam fatos que ocorriam diariamente, como o sucesso de uma pesca ou de uma caça, por meio de imagens. Informação sempre foi primordial ao ser humano. Nos primórdios do jornalismo, os povos se utilizavam da informação para registrar, por exemplo, a construção de cidades (BELTRÃO, 1992).

Quando as informações são transmitidas via jornal impresso, há uma imensa produção de papel, o que também chama a atenção para uma possível escassez de matéria-prima. Já no rádio, a profissão pede estudos especiais, afinal, a palavra falada foi uma das primeiras formas de jornalismo.

No meio televisivo essa história muda um pouco. Beltrão (1992) explica que “a imagem jornalística procura dar uma visão sintética completa do acontecimento”, sendo que não é necessária inteligência apurada para que o espectador entenda o que está sendo transmitido. Para o autor, a televisão nasceu dos progressos da área eletrônica e desenvolveu-se muito rápido nos países mais industrializados, com grandes emissoras. Beltrão (1992) explica ainda que o jornalismo pela imagem é compreendido em desenho, fotografia, cinema e televisão. O desenho é considerado, depois da palavra falada, a mais antiga modalidade jornalística, pois surgiu com os povos pré-históricos, que marcavam as paredes das cavernas, retratando sua realidade.

A fotografia encaixa-se na história como a tentativa de fixar as imagens. Segundo Beltrão (1992), Leonardo da Vinci é o responsável pela primeira câmara escura. Porém, essa tentativa de congelar um momento e eternizá-lo em um quadro, por exemplo, só deu certo quando pesquisadores descobriram que uma junção de prata e outras matérias orgânicas, sobre uma placa preparada com iodo e prata mercurial, gravavam as imagens. Já o cinema surgiu com os jornais cinematográficos, chamados de *newsreels* pelos povos que falavam a língua inglesa.

O autor destaca que, depois de se ter noções históricas, é possível colocar o jornalismo como essencial na vida do homem em coletivo, ou seja, ele assume uma posição de alta relevância no mundo. Os homens buscam por informação, sempre em veículos mais especializados e diversificados, para que possam se manter a par dos acontecimentos.

Para Pena (2006), o jornalismo tem sua base no medo do desconhecido. Sendo assim, busca conhecer, para “quebrar” essa sensação, mas além de buscar o conhecimento, o jornalista o busca para repassar a outros. O autor defende que a essência da profissão pode estar na prestação de serviço à comunidade, cuidando para que as pessoas recebam as informações com qualidade e veracidade, pois os jornalistas são formadores de opinião.

Seguindo a definição dada por Beltrão (1992, p. 67), o “jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum”. Para isso, existem algumas características e técnicas para atrair a atenção do público.

Dentre as principais características do jornalismo está a atualidade, talvez a mais importante delas, afinal, é uma profissão que vive do cotidiano. Também pode-se destacar a variedade. Beltrão (1992) ressalta que o ser humano busca no jornalismo três coisas: saber dos fatos diários, receber orientações e entreter-se. E, por fim, faz-se oportuno citar a interpretação, pois é ela que torna um material interessante ou não. Cabe ao jornalista ressaltar o acontecimento que mais importa, as repercussões que irá causar. O simples fato de publicar já implica em uma interpretação, visto que o profissional precisou buscar dados e fazer uma seleção crítica em cima deles.

As pessoas acordam querendo saber o que está acontecendo no mundo e

buscam por informação nas notícias que circulam nos diversos veículos, como explica Alsina (2009, p. 12). “A notícia é a narração de um fato ou o reescrever de uma outra narrativa, enquanto que o acontecimento é a percepção do fato em si ou da notícia”. Dessa forma, um acontecimento pode ou não virar notícia.

Na década de 1960 surgiu o termo valor-notícia, ou critérios de noticiabilidade, como definem os norte-americanos Johan Galtung e Marie Ruge (apud WOLF, 2003). Esse termo tem como finalidade ajudar na escolha das notícias. Os valores-notícia carregam algumas características que tornam possível entender o porquê de alguns acontecimentos virem notícia e outros, não. Segundo Wolf (2003), essas características são:

- a) notoriedade: quando alguém é reconhecido por sua reputação resultante do talento ou mérito;
- b) morte: para Traquina (2005), morte é um acontecimento que reúne jornalistas. Pode-se, então, ligar este valor-notícia ao anterior, pois pessoas que têm prestígio na sociedade ganham destaque nos noticiários;
- c) proximidade: um fato tem mais chances de virar notícia quando ocorrer próximo de um público específico;
- d) relevância: é algo que impacta a vida das pessoas;
- e) novidade: o que é novo tem mais facilidade para atrair a atenção do público;
- f) tempo: pode ser entendido de três formas: a atualidade dos fatos, efeméride (fato importante ocorrido em determinado dia) e continuidade;
- g) notabilidade: se refere à qualidade do fato e à quantidade de pessoas envolvidas;
- h) inesperado: algo surpreendente, que supera as expectativas;
- i) conflito: acontecimentos que chamam a atenção pela violência, seja física ou simbólica;
- j) controvérsia: opiniões diferentes sobre uma mesma ação, polêmica sobre algo a respeito do qual muitas pessoas divergem;
- k) infração/escândalo: este valor se refere à violação de regras. Sendo assim, os crimes adquirem importância como notícia;
- l) disponibilidade: ter facilidade para fazer a cobertura de algum evento;
- m) equilíbrio: produzir uma quantidade considerável de notícias para cada acontecimento;

- n) visibilidade: ter material de qualidade visual (imagens) para que seja noticiável;
- o) concorrência: ficar sabendo de um fato antes de outros veículos de comunicação e conseguir, em um tempo curto e de forma correta, divulgar para a sociedade;
- p) dia noticioso: há dias mais agitados nas redações, quando se recebem muitas notícias, mas há dias em que é necessária a produção de “matérias de gaveta” que tratam de diversos assuntos, como culinária e lazer;
- q) simplificação: aqui encaixam-se os acontecimentos comuns no dia-a-dia;
- r) amplificação: trata-se da dimensão do acontecimento e das consequências que ele gera;
- s) relevância: quanto maior a importância e o impacto do acontecimento, mais facilidade ele terá de virar notícia;
- t) personalização: quanto mais personalizado for um acontecimento, ou seja, mais próximo a um determinado grupo, mais chance terá das pessoas se interessarem por ele;
- u) dramatização: ligado ao sensacionalismo, esse valor pretende despertar o lado emocional do público;
- v) consonância: quando há uma concordância ou conformidade sobre os acontecimentos.

Assim como a comunicação como um todo, os valores-notícia vieram se adaptando ao longo do tempo. Traquina (2005) afirma que não há como definir um critério com mais importância sobre os outros, pois qualquer ruptura na normalidade pode ter espaço no mundo das notícias. O jornalista deve sempre prezar pela atualidade, cuidando para repassar rápida e corretamente as informações. É papel do jornalista investigar os fatos, o que contribui para a qualidade de uma notícia, além de ter uma boa agenda de contatos.

Por vezes, a mídia é tratada como o quarto poder, porém, esse poder é simbólico. Para Bourdieu (2001), poder simbólico é como uma força que não se vê, passa quase que imperceptível ou disfarçada. A mídia expõe sua opinião de forma sutil por meio de suas reportagens, postagens e linha editorial. Dessa forma, é possível compreender o pensamento que o jornalista é um formador de opinião. Martino (2003) complementa, dizendo que apresentar a mídia como formadora de opinião é corriqueiro na área acadêmica. Bourdieu (2001, p. 135) também aborda o

campo social e o descreve como “um espaço multidimensional de posições”, sendo que o conhecimento desse mundo social é fundamental para entender as categorias de percepção que formam esse universo.

Também é possível pautar o jornalismo pelo papel social da profissão.

Esses meios de comunicação não só transmitem informações, mas também são os agentes políticos que estão comprometidos com a realidade social. Partindo dessa perspectiva o jornalista assume essa função justamente para ajudar os mais necessitados. (ALSINA, 2009, p. 214)

Por vezes, a sociedade atribui o romantismo como uma característica do jornalismo, pois alguns profissionais se submetem a condições de trabalho, como os baixos salários, sendo possível a interpretação de que o jornalista é capaz de trabalhar apenas por amor à profissão. Rossi (1994) segue a linha de pensamento de que os jornalistas trabalham, acima de tudo, para a sociedade e define como “vesga” a atitude de se não cumprir suas responsabilidades, colocando culpa nas condições precárias de trabalho.

As tecnologias que envolvem o jornalismo, como câmeras, equipamentos para estúdio e computadores mais potentes, são caras e, por isso, as empresas optam por se adequar da forma que conseguem, nem sempre oferecendo o conforto que o jornalista precisa. Um meio de comunicação que já passou por diversas formulações foi a televisão, que se apropriou da tecnologia e evoluiu muito para conseguir conquistar cada vez mais o público. Hoje, a televisão também está se adaptando em função das condições tecnológicas oferecidas pela internet. Com todos os avanços tecnológicos é possível afirmar que o jornalismo só tende a evoluir cada vez mais, buscando jornalistas mais preparados para enfrentar as diversas áreas da profissão.

1.2 TELEVISÃO

A televisão chegou no Brasil em 1950, graças a Assis Chateaubriand. Alguns meses após a chegada dos equipamentos, foi fundada a primeira emissora do país, a TV Tupi-Difusora. Naquela época, a programação seguia ordens das empresas patrocinadoras, que, inclusive, contratavam os artistas e diretores. O jornalismo começou a ser transmitido, de fato, nos aparelhos televisivos em 1952, dois dias

após a inauguração da primeira emissora.

O formato do primeiro telejornal era baseado em um radiojornal de muito sucesso e levava o nome de seu patrocinador, a Esso(MATTOS, 2010). Porém, dois anos antes, os Diários e Emissoras Associados²¹ já estavam preparando seus “radioatores”, como define o autor, para que atuassem no novo veículo e para que também fossem conhecidos pelo público, não só sua voz, mas sua imagem. A popularização da TV se deu ainda antes do golpe militar, em 1964²². Com a criação do Ministério das Comunicações, em 1967, as concessões levavam em conta, além das necessidades da população, interesses do Conselho de Segurança Nacional que queria aumentar a popularidade do governo.

Mattos (2010) define a história da televisão em sete fases:

- a) A elitista (1950-1964), onde o televisor era artigo de luxo. Apenas a elite tinha acesso e condições de ter um. Nessa fase, foi transmitido o primeiro programa esportivo, em 1953, na TV Record. Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara comandaram uma mesa redonda, na qual transmitiam jogos de futebol ao vivo e, também, informações ligadas ao esporte. Esse modelo já era utilizado em rádios, foi adaptado para a televisão;
- b) A fase populista (1964-1975), quando a televisão já apresentava programas de auditório e era considerada um exemplo de “modernidade”, pois se desenvolvia rapidamente. Em 1972, ao final desta fase, foi realizada a primeira transmissão em cores, da Festa Nacional da Uva, transmitida pela TV Difusora;
- c) Entre 1975 e 1985, ficou compreendida a fase do desenvolvimento tecnológico, quando os aparelhos passavam por aperfeiçoamentos, para produzir seus próprios programas, em nível nacional e internacional;
- d) A fase da transição e expansão internacional (1985-1990), durante o governo

²¹ Empresa de comunicação, fundada por Assis Chateaubriand em 1924. Era composta por jornais, revistas e emissoras de rádio. Fonte: http://www.diariosassociados.com.br/home/conteudo.php?co_pagina=44. Acesso 25 de novembro de 2018.

²² Golpe de Estado que durou por 21 anos. O golpe levou à deposição de João Goulart e instalou no país uma ditadura militar. Durante a mesma, os militares controlavam e censuravam os meios de comunicação. Fonte: MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

de José Sarney, a Nova República²³, quando se concretizaram as exportações de produtos televisivos, como as novelas;

- e) A fase da globalização veio logo em seguida (1990-2000), com a busca pela “modernidade” que tomou conta das emissoras e inseriu os canais por assinatura (televisão segmentada) que contribuíram para o processo de globalização;
- f) A partir dos anos 2000, a convergência e a qualidade digital fizeram com que a televisão se reformulasse, de modo que permitisse maior interação entre apresentador e público. Também foi na fase da convergência que o país adotou novas tecnologias, criando o sistema de televisão digital;
- g) Por fim, a fase da portabilidade, mobilidade e interatividade digital, que começou em 2010 e segue até os dias de hoje, fazendo com que o mercado de comunicação crie um novo formato devido às novas mídias que se apresentam, tornando a produção e a distribuição de conteúdo de suma importância para as emissoras.

Pode-se perceber que, após quase 70 anos da chegada da TV ao país, há uma autonomia do telejornalismo, diferente de quando os aparelhos começaram a funcionar no Brasil, em 1950. Segundo Mattos (2010), na atualidade, as emissoras têm mais liberdade para difundirem as informações da forma como acharem ser mais conveniente. Afinal a televisão tornou-se popular, sendo que o próprio público pode influenciar, pelo menos em parte, o que é transmitido.

Dentro da grade de programação existem categorias que dividem os programas transmitidos. Segundo Marques de Melo (apud Souza, 2004), são três as categorias que abrangem a maioria dos gêneros: entretenimento, informativo e educativo. Souza (2004) acrescenta duas categorias à lista: especiais e outros. Pode-se exemplificar cada categoria como:

- a) Categoria entretenimento: programa de auditório, *talk show*, culinário, esportivo, filme, teledramaturgia.
- b) Categoria informação: telejornal, debate, entrevista.
- c) Categoria educação: educativo.
- d) Categoria especiais: musicais e minisséries.

²³ Denominada assim, pois marcou o fim da ditadura militar (1985), com a saída do general Figueiredo da presidência do Brasil e a entrada de José Sarney. Fonte: MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

e) Categoria outros: *teleshopping*, religioso e político.

As categorias estão ligadas aos gêneros. Pode-se entender que categoria é um grupo de gêneros. E, de acordo com Souza (2004), gênero é o agrupamento de diversos formatos de programas. Para o autor, pode-se entender gênero como ordem. Um telejornal, por exemplo, encaixa-se na categoria de informação, porém, as reportagens podem variar quanto ao formato. Os programas esportivos pertencem à categoria entretenimento, mas, quando se trata de jornalismo esportivo, pode-se dizer que o formato é híbrido.

Para Souza, um formato associa-se a um gênero. O autor faz uma analogia, afirmando que na biologia uma classe agrupa diversos gêneros, que, por sua vez, agrupam diversas espécies: “em televisão, vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria” (SOUZA, 2004, p. 45).

As reportagens telejornalísticas esportivas, por exemplo, podem abranger, em seu conteúdo, informação e entretenimento. Para uma melhor definição dos programas que unem essas categorias, criou-se o termo infotenimento. Como expõe Dejavite (2006), esse termo surgiu na década de 1980, porém, só ganhou força na década de 1990, quando começou a ser usado por profissionais e estudantes da área da comunicação, para classificar o jornalismo que, além de informação, também era capaz de divertir o público. Segundo a autora, esse termo faz uma síntese do papel editorial do jornalismo de entreter. Ele expõe o conteúdo que reúne informação e diversão.

1.3 JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo começou com os jornais impressos e hoje faz parte da grade de programação de todos os meios de comunicação. Alguns autores, como Bahia (1990, p. 152), afirmam que o jornalismo esportivo no Brasil iniciou seus trabalhos em 1856, “com O Atleta, que difunde ensinamentos para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro”. Naquela época os jornais periódicos, que continham cadernos esportivos, estavam se consolidando no país, colocando o Brasil na lista dos países com grande produção na área da imprensa esportiva (COELHO, 2004).

Não se pode desvincular o jornalismo esportivo do esporte. O futebol chegou

no Brasil na mesma época em que o jornalismo esportivo estava se desenvolvendo. Tanto o esporte quanto o gênero jornalístico sofreram fortes críticas, inclusive por escritores renomados, como Graciliano Ramos que não acreditava que o esporte teria o destaque de uma capa de jornal algum dia. Segundo Leandro (2005, p. 67)²⁴, não se acreditava que o futebol não merecia tanto espaço nos jornais. A real expansão da imprensa esportiva deu-se, ainda no início do século XX, quando os “empresários entenderam que aquele tema interessava a um grande número de leitores”.

O primeiro diário exclusivamente sobre esporte surgiu em 1930, no Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports*. Segundo Coelho (2004), os jornais ainda precisaram superar o preconceito de que esse tipo de diário só seria consumido por pessoas de menor poder aquisitivo. Dessa forma, diversos jornais foram surgindo e desaparecendo e mesmo aqueles que narraram grandes conquistas brasileiras não conseguiram se firmar no mercado jornalístico.

O autor ainda conta que o jornalismo esportivo, como ele é visto hoje em dia, só começou em 1980, quando os jogos passaram a ser transmitidos ao vivo pela televisão. Como os torcedores podiam acompanhar a transmissão, os jornalistas tiveram de se adaptar e escrever os fatos como eles realmente aconteciam, sem exageros, como era de costume. Mas, mesmo com muitas mudanças, o jornalismo esportivo ainda é considerado uma área inferior, com pouca procura por parte dos anunciantes. Coelho (2004) ressalta que não se pode confundir o esporte, de modo geral, com o futebol. Este, sim, possui grande visibilidade no mercado.

O esporte se apropria bastante do jornalismo literário, formato diferenciado dentro do jornalismo. Diferente do *hard News*, como é chamado o jornalismo que trata de notícias factuais, o jornalismo literário tem uma liberdade maior para expor suas pautas, com mais tempo e mais leveza. Porém, cabe ao jornalista não fugir da realidade. Coelho (2004, p. 18) defende que “entre a lenda e a verdade, a literatura vai sempre preferir a lenda”, já o jornalismo deve ficar sempre com o fato real. A fusão dessas duas formas de contar histórias pode ser entendida como jornalismo literário.

O jornalismo esportivo usa essa liberdade para contar histórias envolventes e conquistar o espectador com reportagens mais longas e que abordam assuntos mais

²⁴ Site: <http://revistas.faculdadesocial.edu.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/111/75>. Acesso em 9 de novembro de 2018.

pesados, ou seja, que mexem com o emocional da população, porém, é necessário que o profissional tenha habilidade para desenvolver da melhor forma possível o conteúdo a ser apresentado, que entretenha e informe o telespectador.

É comum programas esportivos contarem histórias de atletas que são bem-sucedidos, resgatando sua história e o que passaram até alcançarem o sucesso. Em sua maioria, são pessoas que superaram diversos obstáculos, venceram preconceitos e conseguiram mostrar ao mundo que merecem um espaço no cenário do esporte. Existem práticas, como o auxílio Bolsa Atleta, fornecido pelo governo para atletas que se destacam nas competições nacionais e internacionais, que tornam essa “subida” (do começo da carreira ao sucesso) um pouco mais acessível, classificadas como uma forma de inclusão social.

A inclusão social, por meio do esporte e lazer, é garantida por lei²⁵ a todos os cidadãos brasileiros. A consultora da Secretaria Municipal de Esportes da Prefeitura de Belo Horizonte, Leda Mirtes Santos Magalhães Pinto (1998, p. 54), afirma que na sociedade atual, “predominantemente urbana e industrializada segundo os moldes capitalistas, convivem grupos com diferenciadas condições materiais de existência e características culturais próprias, sem, contudo, viverem isoladamente”.

A autora ressalta que essa desigualdade de oportunidades reforça as divisões de classe com diferentes condições econômicas. Segundo ela, é preciso reagir com consciência e empenho na democratização e na diversificação das atividades esportivas e de lazer, incentivando a participação popular e coletiva. Dentro dessa participação está o papel social do jornalista, como já citado anteriormente, neste trabalho.

O jornalista tem diversas características, como a persistência e a coragem, mas Beltrão (1992) dá ênfase para uma, em específico.

O primeiro atributo do autêntico jornalista é a curiosidade comunicativa, que difere da curiosidade pura e simples porque se reveste de um insopitável desejo de passar adiante a informação obtida ou o fato testemunhado, ajuntando-lhe dados novos e comentários. (BELTRÃO, 1992, p. 148)

Dessa forma, o profissional sente a necessidade de informar sobre tudo aquilo que se difere da normalidade. Causas sociais são, frequentemente, retratadas

²⁵ Constituição Federal (1988). Art. 217, § 3: O poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social.

no *hard News*, e são ricas em dados e informações. Muitas vezes, até são desconhecidas pelo público. Sendo assim, o jornalismo esportivo está, cada vez mais, buscando assuntos diferenciados para atrair a atenção dos telespectadores. Porém, nem sempre retrata-se a realidade fidedignamente.

A liberdade possível via jornalismo literário pode fazer com que se romantize o sofrimento das pessoas, passando a ideia de que a meritocracia²⁶ atinge a todos.

Para Athayde et al. (2016), diante do cenário atual, durante as os jogos Olímpicos realizados no Rio de Janeiro, em 2016, “o fenômeno esportivo foi acometido pelos processos de mercantilização e espetacularização, que o condicionaram às determinações mercadológicas”. Dessa forma, o esporte se desvinculou da ideia de que é um direito garantido a todos os cidadãos e passou a ser mais um produto para se comercializar.

O jornalismo precisa ter forças para resistir à pressão imposta pelos patrocinadores e fazer o seu trabalho de acordo com seu Código de Ética, que impõe ao jornalista uma conduta de respeito com a sociedade. “Art. 11. O jornalista não pode divulgar informações: I - visando o interesse pessoal ou buscando vantagem econômica” (FENAJ, 2001, p. 2). Segundo Beltrão (1992), o jornalista precisa estar consciente quanto à sua missão de transmitir o fato real, carregando junto a responsabilidade que lhe é exigida a cada dia que passa, para que, assim, não perca a liberdade de imprensa, assegurada na Constituição Federal de 1988, que defende a total liberdade da informação jornalística, o que torna seu trabalho possível e encantador.

²⁶ É um modelo de hierarquização e premiação baseado nos méritos pessoais de cada indivíduo. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/meritocracia/>>. Acesso em 12 de novembro de 2018.

2 TEMA

O esporte e a inclusão social em matérias jornalísticas esportivas na televisão.

2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Análise das reportagens: Recordistas: projeto de inclusão facilita contato de crianças deficientes com o esporte, da emissora Record TV; Pérolas Negras, time de refugiados, faz peneira com garotos sírios para jogarem no Brasil, da emissora Rede Globo; Projeto social mistura samba e badminton, também da Rede Globo e Força no esporte: programa de inclusão da emissora TV Nacional do Brasil para observar como é mostrada a relação entre esporte e inclusão social.

3 JUSTIFICATIVA

O tema escolhido para este trabalho busca analisar o papel social do jornalista no meio esportivo. Sabe-se que essa profissão não apenas informa, mas, também, forma opiniões. Por isso, é fundamental que o jornalista tenha ciência de suas responsabilidades. Braga (ANO, p. 30) explica que “quando se trata da mídia contemporânea, o trabalho crítico parece ser mais limitado do que o desenvolvido para os processos expressivos mais tradicionais”. Dessa forma, é possível encontrar constantemente, no meio acadêmico, crítica reflexiva sobre determinado meio de comunicação. Porém, essa crítica, muitas vezes, não analisa estruturas específicas dos produtos, e, sim, os efeitos do meio na sociedade em geral.

Mota (2010) cita a memória social, que pode ser entendida como um conjunto comum de lembranças aos membros de uma comunidade social. Na televisão, essas lembranças são levadas em conta no momento em que se decide se um acontecimento vira notícia ou não. De acordo com a autora, a imagem tem um vínculo com a realidade, por causa da sua característica de representação.

Ela é uma referência de um acontecimento, e oferece um quadro vivo dos personagens envolvidos ao mesmo tempo em que oferece uma interpretação cultural deles, dos lugares, das ações. Isso consolida a lembrança, a memória dos fatos sociais. (MOTA in VIZEU, PORCELLO e COUTINHO, 2010, p. 162)

Como já citado na introdução deste trabalho, essa decisão entre um acontecimento virar notícia ou não, cabe ao jornalista, em primeira instância. Além dessa decisão, o profissional também é encarregado da interpretação e investigação acerca dos fatos, sempre buscando uma maior aproximação com a realidade.

A identificação desta pesquisadora com o tema surgiu por meio de duas paixões: o jornalismo e a prática de esportes. Desde a infância, a mesma interessou-se pelos esportes, em especial o futsal, e sempre recebeu o apoio dos pais; pais esses que trabalham há muito tempo em prol de causas sociais. Esse fato também fez com que a pesquisadora buscasse mais conhecimentos na área. Dessa forma, a representação da inclusão social por meio dos esportes em reportagens na televisão, pareceu ser um tema de total acordo com as experiências da estudante de Jornalismo e futura profissional.

Quando tinha três anos de idade, a pesquisadora foi morar em um abrigo^[1], que era coordenado por seus pais e passou a conviver com crianças com diferentes histórias de vida. Lá ficou até seus 19 anos. Desde a adolescência, interessou-se, também, pelas causas defendidas pelos pais e busca por uma sociedade inclusiva.

O Curso de Jornalismo foi escolhido justamente pelo papel do jornalista dentro da sociedade, que não é apenas informar, mas apresentar os fatos da maneira mais fidedigna possível. Beltrão (2010) defende que o jornalista é um instrumento que transforma os fatos em notícias, levando a sociedade à ação, sendo que se não fosse dessa forma, não teria porquê caracterizá-lo como essencial. Sabendo disso, é preciso citar aqui que o jornalismo traz consigo duas condições: a liberdade e a responsabilidade.

Segundo o autor, a liberdade deve ser compreendida pelo jornalista como inalienável, ou seja, o que permite com que sua atividade seja realizada livremente. A responsabilidade é o que o jornalista precisa para que consiga usar da sua liberdade, e ela vem sob três aspectos: “para com o indivíduo e a coletividade (jornalismo moral); para com a pátria (jornalismo e nacionalismo) e para com a comunidade internacional (jornalismo e paz mundial) ” (BELTRÃO, 1992, p. 167, grifos do autor). O autor explica que esses tópicos são fundamentais para que se faça um jornalismo correto, consciente de suas verdadeiras e legítimas finalidades.

Portanto, e como já foi citado, o jornalismo é um aliado da população, auxiliando nas reivindicações de cada comunidade. Lima (2006, grifo do autor) ressalta a existência do jornalismo comunitário, “que prioriza a cobertura das camadas populares nos grandes centros urbanos, negociando com o governo local em nome desse segmento da população e funcionando como um ‘grupo de pressão’”. Pode-se dizer, então, que o jornalismo assume também um papel político. Sendo assim, o profissionalismo deve prevalecer. O jornalista precisa ter ciência de que é ele quem leva à seleção dos acontecimentos e fontes que são divulgados. Claro, a linha editorial da empresa para a qual o jornalista trabalha irá influenciar neste processo (TRAQUINA, 1999).

A escolha do tema justifica-se pelo fato de que o telejornal é formato mais procurado pelos cidadãos brasileiros para se informar, inclusive, os mesmos participam do processo de produção, porém isso só foi possível a partir da década de 1990, quando começaram as votações por telefone e o envio de mensagens eletrônicas pela internet. Pode-se notar a participação popular em reportagens

esportivas, que buscam histórias nas comunidades onde estão as raízes da maioria dos atletas. Além disso, a opinião dos telespectadores é muito importante e é levada em consideração no momento de produzir programas.

Busca-se com esta pesquisa, analisar a forma como a inclusão social e o esporte brasileiro são retratados em programas esportivos na televisão, considerando as características dos repórteres e a linha editorial da emissora onde foram veiculados os objetos de estudos desta monografia.

4 QUESTÃO NORTEADORA

Como as matérias jornalísticas de televisão mostram o vínculo entre o esporte e a inclusão social?

5 HIPÓTESES

- A. O telejornalismo esportivo, quando ligado à inclusão social, coloca o esporte como uma alternativa de superação para jovens em condições de vulnerabilidade socioeconômica;
- B. As reportagens objetos de estudo desta pesquisa, assim como o telejornalismo esportivo, são construídas com base no jornalismo literário, transformando a realidade em histórias cativantes para prender a atenção do telespectador;
- C. As reportagens objetos de estudo dessa pesquisa são produzidas de forma que passem a ideia de que o esporte pode dar uma vida digna às pessoas por meio do seu discurso;
- D. O telejornalismo assume papel fundamental na sociedade, sendo que é uma das formas mais fáceis de obter informação. Os jornalistas, por sua vez, mascaram os acontecimentos de forma que fique mais agradável para o público.

6 OBJETIVOS

6.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a forma como a inclusão social, por meio do esporte, é retratada em reportagens telejornalísticas de diferentes emissoras.

6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- f) Apresentar a história da televisão no Brasil, bem como o surgimento do telejornalismo esportivo;
- g) Estudar o conceito de inclusão social e sua evolução no Brasil;
- h) Analisar o conteúdo das reportagens, levando em conta a forma como o jornalista mostra os fatos e o seu discurso, de modo geral;
- i) Aprofundar o conhecimento sobre o jornalismo literário, diferenciando o envolvente do instantâneo;
- j) Pesquisar dados sobre o desempenho dos jovens brasileiros em competições esportivas e a realidade do esporte no país;
- k) Refletir acerca do papel social do jornalista na sociedade.

HA – objetivos a, c, d

HB – objetivos b, d

HC – objetivos c, e, f

HD – objetivos a, d, f

7 METODOLOGIA

O procedimento metodológico da monografia se dá por meio de pesquisa bibliográfica, que pode ser encontrada em todas as etapas do processo. Ela é formada por livros e artigos disponibilizados na internet e é por meio dela que se desenvolve a base científica deste trabalho. Segundo Almeida Júnior (1989, p. 100) a pesquisa bibliográfica é “a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema”. As referências utilizadas servem para ampliar e embasar os estudos sobre os principais temas e conceitos abordados, como o jornalismo, a história da televisão e sua linguagem, além do jornalismo esportivo e da inclusão social.

A monografia tem caráter de pesquisa qualitativa para melhor entender como a relação entre inclusão social e esporte é mostrada nos programas esportivos na televisão. Marconi e Lakatos (2008, p. 269) afirmam que “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”.

Foram selecionadas quatro reportagens para estudo: Recordistas: projeto de inclusão facilita contato de crianças deficientes com o esporte, da emissora Record TV; Pérolas Negras, time de refugiados, faz peneira com garotos sírios para jogarem no Brasil, da emissora Rede Globo; Projeto social mistura samba e badminton, também da Rede Globo e Força no esporte: programa de inclusão da emissora TV Nacional do Brasil. As mesmas foram escolhidas por abordarem o esporte como forma de conseguir melhores condições de vida.

Laurence Bardin (2011, p. 15) propõe um método de análise que se encaixa com a intenção desta monografia, por se tratar de um “conjunto de instrumentos metodológicos [...] que se aplicam a discursos extremamente diversificados”. Esta análise é dividida em três fases principais: pré-análise, quando faz-se a coleta de material; exploração do material, quando ocorre a decupagem, e, por fim, o tratamento dos resultados, inferência e a interpretação, ou seja, a análise propriamente dita.

A primeira fase é constituída da “escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração

de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p. 95). Como material de estudo, foram escolhidas quatro reportagens já mencionadas neste projeto, tendo como referência diversos livros e artigos para entender um pouco mais sobre a história do jornalismo esportivo e como ele retrata a inclusão social por meio do esporte.

A segunda fase é onde se aplica o conteúdo coletado na fase anterior. Ela é composta pela decupagem das reportagens escolhidas. Na futura monografia, as reportagens serão analisadas por meio da linguagem utilizada pelos repórteres, a “performance” dos mesmos em frente à câmera, o conteúdo das reportagens apresentado e, também, o tempo destinado à cada uma das matérias.

Para Bardin (1977), a terceira fase é o momento em que ocorre o tratamento dos resultados obtidos, interpretando-se os mesmos. A autora reforça que “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos” (BARDIN, 1977, p. 101).

As reportagens objetos de estudo deste trabalho serão analisadas a partir do conteúdo e do discurso. Bastos e Oliveira²⁷ defendem que, apesar dos métodos serem muito próximos, um não exclui o outro, e, sim, trabalham juntos, possibilitando uma melhor compreensão de determinada mensagem. A Análise de Conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44). Com isso, a autora defende que esse método se dá através de estudos que têm como objetivo entender as interações verbais e não verbais entre indivíduos.

A análise do discurso tem como foco compreender e refletir sobre os discursos que os sujeitos fazem para além daquilo que é óbvio no mesmo. Por exemplo, o tom de voz, o timbre, as paradas o silêncio a entonação. Na Análise de Conteúdo o objeto de estudo é o registro em si, presente em um texto, um documento, uma fala ou um vídeo. Em certo sentido, podemos inferir que a análise de conteúdo está contida na análise do discurso, mas o inverso não ocorre. (BASTOS e OLIVEIRA, p. 5)

²⁷ BASTOS, Marcellus Henrique Rodrigues; OLIVEIRA, Ualison Rebula de. Análise de discurso e Análise de Conteúdo: Um breve levantamento bibliométrico de suas aplicações nas ciências sociais aplicadas da Administração. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/26322295.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Sobre a Análise do Discurso, Pisa, Souza e Vizibeli (2018, p. 13) defendem que a concepção do discurso como prática social e política acabou com a ideia da “linguagem como um instrumento do qual o agente humano lança mão para transmitir informações”. Segundo Bastos e Oliveira, exige sensibilidade do pesquisador para a interpretação de subjetividades não explícitas no discurso do que é pesquisado.

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

8.1 JORNALISMO

Iniciação à filosofia do Jornalismo (1992), de Luiz Beltrão, apresenta a história e a evolução do jornalismo. Em sua obra, o autor aborda os problemas que podem afetar o processo jornalístico, desde sua técnica até o papel social do jornalista. Também expõe reflexões acerca da identidade jornalística, ressaltando a ética e o profissionalismo.

8.2 TELEVISÃO

A história da televisão é baseada na obra de Sérgio Mattos, *História da televisão brasileira: uma visão econômica social e política* (2010). Nela o autor divide a evolução da televisão em fases, o que torna o entendimento da mesma mais fácil. Também utilizou-se o autor José Carlos Aronchi Souza, na obra *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira* (2004), que explica a divisão da grade de programação em, gêneros, formatos e categoria.

8.3 JORNALISMO LITERÁRIO

Jornalismo Literário (2006), de Felipe Pena, foi referência para entender a junção do jornalismo e da literatura. Nesta obra, o autor apresenta a história e a evolução desse jornalismo, que vai além do lead, bem como as críticas recebidas.

8.4 JORNALISMO ESPORTIVO

Paulo Vinícius Coelho, em seu livro *Jornalismo Esportivo* (2004), conta a história do jornalismo esportivo no Brasil e sua evolução. Por meio desta obra é possível perceber que o jornalismo esportivo sofreu preconceito, por ser algo novo e de pouca aceitação por parte do público. Coelho explica como o foi o processo de adaptação do jornalismo esportivo até atingir todos os veículos de comunicação.

8.5 METODOLOGIA

Laurence Bardin utiliza-se de sua obra *Análise de Conteúdo* (1977) para definir o método de análise escolhido para esta pesquisa. A obra tem como objetivo apresentar o conceito de Análise de Conteúdo. Além disso, aborda, também, Análise de Discurso, outro conceito muito importante para a monografia.

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 2 – JORNALISMO

2.1 HISTÓRIA

2.2 PAPEL SOCIAL DO JORNALISTA

2.3 JORNALISMO LITERÁRIO

CAPÍTULO 3 – TELEVISÃO

3.1 HISTÓRIA E PERSPECTIVAS

3.2 TELEJORNALISMO

CAPÍTULO 4 – JORNALISMO ESPORTIVO

4.1 HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

4.2 INCLUSÃO SOCIAL

CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO DOS OBJETOS DE ESTUDO

5.1 RECORDISTAS: PROJETO DE INCLUSÃO FACILITA CONTATO DE CRIANÇAS DEFICIENTES COM O ESPORTE

5.2 PÉROLAS NEGRAS, TIME DE REFUGIADOS, FAZ PENEIRA COM GAROTOS SÍRIOS PARA JOGAREM NO BRASIL

5.3 PROJETO SOCIAL MISTURA SAMBA E BADMINTON

5.4 FORÇA NO ESPORTE: PROGRAMA DE INCLUSÃO

CAPÍTULO 6 – METODOLOGIA

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

10 CRONOGRAMA

Atividade	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Leituras e anotações	X	X	X	X	X	X
Produção da Introdução	X					
Produção do Capítulo 2 e correção da Introdução		X				
Produção do Capítulo 3 e correção do Capítulo 2		X				
Produção do Capítulo 4 e correção do Capítulo 3			X			
Produção do Capítulo 5 e correção do Capítulo 4			X			
Produção do Capítulo 6 e correção do Capítulo 5				X		
Considerações Finais e correção do Capítulo 6				X	X	
Entrega da Monografia						X

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática S. A., 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

_____. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

BASTOS, Marcellus Henrique Rodrigues; OLIVEIRA, Ualison Rebula de. Análise de discurso e **Análise de Conteúdo**: Um breve levantamento bibliométrico de suas aplicações nas ciências sociais aplicadas da Administração. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/26322295.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

COSTELLA, Antonio F. **Comunicação – do grito ao satélite**. Campos do Jordão: Mantiqueira. 2002.

DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento**: Informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

LEANDRO, Paulo Roberto. **Jornalismo esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessadas em desenvolver carreira política**.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet**. São Paulo: Summus, 2003.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são**. Florianópolis, Insular, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; COUTINHO, Iluska; MATTOS, Sérgio. **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

SITES

<http://www.diariosassociados.com.br/home/conteudo.php?co_pagina=44>.

<<http://revistas.faculdadesocial.edu.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/111/75>>.

<<https://www.significados.com.br/meritocracia/>>.

<<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/26322295.pdf>>.

**ANEXO A - DVD CONTENDO AS TRÊS REPORTAGENS UTILIZADAS COMO
OBJETO DE ESTUDO**